

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC – SP**

**Rosmeiri Aparecida Rodrigues da Silva**

**A imagem discursiva do Rap e sua influência em alunos das  
séries finais do Ensino Médio em escolas da periferia.**

**MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**SÃO PAULO**

**2011**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Rosmeiri Aparecida Rodrigues da Silva

A imagem discursiva do Rap e sua influência em alunos das séries finais do Ensino Médio em escolas da periferia.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor João Hilton Sayeg de Siqueira.

SÃO PAULO

2011

BANCA EXAMINADORA

-----

-----

-----

*O pensamento é a força criadora  
O amanhã é ilusório  
Porque ainda não existe  
O hoje é real  
É a realidade que você pode interferir  
As oportunidades de mudança  
Tá no presente  
Não espere o futuro mudar sua vida  
Porque o futuro será a consequência do presente  
Parasita hoje  
Um coitado amanhã  
Corrida hoje  
Vitória amanhã  
Nunca esqueça disso, irmão.*

*Racionais MC's*

## AGRADECIMENTOS

A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo por proporcionar-me a oportunidade de realizar um sonho: cursar o Mestrado.

A minha família , que sempre me apoiou nos meus sonhos e projetos, em especial a meus filhos, Alisson e Gleison, que respeitaram e entenderam minhas ausências, meus isolamentos, ao pai de meus filhos, Divanil, que esteve sempre ao meu lado.

A diretora da E.E. Belém da Serra, Regina Tavares, pessoa que aprendi a admirar e que mesmo não sabendo, foi fundamental em minha decisão de fazer o Mestrado.

Ao professor Dr. João Hilton Sayeg Siqueira, meu orientador, que com muita paciência e compreensão ajudou-me a chegar ao final desse trabalho respeitando minhas dúvidas e auxiliando-me em minhas limitações.

A todos os professores do programa que me abriram um leque de conhecimentos possibilitando meu crescimento pessoal e profissional. Em especial ao professor Dr. Jarbas Vargas Nascimento, que com seu jeito amigo, cativante plantou em mim a sementinha da paixão pela Análise do Discurso.

Ao professor Dr. Emanuel Messias C. Silva, o qual tive o prazer de conhecer na ocasião de minha qualificação, que a primeira vista despertou muita simpatia que se confirmou com seus comentários positivos ajudando -me na reelaboração desse trabalho.

A todos meus amigos e amigas que direta ou indiretamente me auxiliaram nessa caminhada. Aos amigos de longa data, outros mais recentes, porém todos me apoiando e ajudando mandando sempre energias positivas, como a Silvia Torelli e a mais recente Rose Moraes, que me socorreram em muitos momentos de completa falta de inspiração e criatividade.

Um agradecimento especial a minha querida e amada amiga Fátima Soares, que desde o início desta caminhada me estendeu as mãos, me apoiando em todos os momentos, me dando seu ombro amigo nas horas de choro, sorrindo comigo nas horas de alegria, pessoa que abriu a porta de sua casa e de sua vida para me ajudar.

E finalizando, agradeço principalmente a Deus, pois sem ele nada disso teria acontecido, por ter me iluminado e me acompanhado nos momentos bons, mas principalmente nos momentos de aflições, que não foram poucos.

## RESUMO

Esse trabalho objetiva mostrar uma análise das práticas discursivas do grupo de *rap* Racionais MC's, por ser um dos grupos pioneiros nesse gênero musical é respeitado e admirado por muitos, principalmente por jovens das periferias das grandes cidades.

Com base nos conceitos da Análise do Discurso na perspectiva de Dominique Maingueneau (2008) optamos por trabalhar com os seguintes planos da Semântica Global proposta pelo autor: a cenografia, o *ethos* discursivo e a interdiscursividade.

Diante de tais considerações nosso objetivo geral foi mostrar como foram construídas as cenografias e a construção do *ethos* do rapper da periferia. E como objetivo específico mostrar como o *ethos* manifestado em três letras de rap selecionadas nos revela a identificação existente entre jovens moradores em periferias da Grande São Paulo e o discurso presente no enunciado dos rappers do grupo Racionais MC's.

Palavras-chave:

1 – rap    2 – cenografia    3 – periferia    4 – *ethos*

## ABSTRACT

This paper discusses an analysis of the discursive practices of the rap group Racionais MC's, being one of the pioneering groups in this genre is respected and admired by many, mainly young people from the suburbs of large cities.

Based on the concepts of discourse analysis in the perspective of Maingueneau Dominique (2008) chose to work with the following plans of the Global Semantic proposed by the author: the scenery, the discursive ethos and interdiscursivity.

Given these considerations our overall goal was to show how the set designs were built and the construction of the ethos of the rapper's outskirts. And as a specific goal to show how the ethos manifested in three selected rap lyrics reveals the identification between young adults living in the suburbs of Greater Sao Paulo and the discourse in this statement of the group's rappers Racionais MC's.

Key-words:

1 - rap    2 - scenography -    3 - periphery    4 - ethos

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>CAPÍTULO I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	06
1.1 A noção de interdiscurso.....	06
1.2 O Primado do interdiscurso.....	07
1.3 Uma Semântica Global.....	08
1.4 Os Gêneros do Discurso.....	09
1.4.1 O precursor do conceito Gênero.....	10
1.4.2 Gêneros de Discurso na concepção de Maingueneau.....	12
1.5 A Cenografia da enunciação .....	15
1.6 O <i>Ethos</i> discursivo.....	17
<b>CAPÍTULO II - ANÁLISE TEXTUAL</b> .....	21
<b>2.1 ANÁLISE CONSTATATIVA</b> .....	21

2.1.1 A Cenografia da enunciação .....	27
2.1.2 O <i>Ethos</i> discursivo.....	33
2.1.3 A Interdiscursividade.....	38
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE COMPARATIVA.....</b>	<b>42</b>
3.1 A Cenografia da Enunciação.....	47
3.2 O <i>Ethos</i> discursivo.....	52
3.3 A Interdiscursividade.....	54
<b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE COMPROBATÓRIA.....</b>	<b>57</b>
4.1 A Cenografia da Enunciação.....	61
4.2 O <i>Ethos</i> discursivo.....	67
4.3 A Interdiscursividade.....	70
4.4 RESULTADO DAS ANÁLISES.....	71
4.4.1 A Cenografia da Enunciação.....	71
4.4.2 O <i>Ethos</i> discursivo.....	72

4.4.3 A Interdiscursividade.....73

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** .....75

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁICAS**.....77

## INTRODUÇÃO

O trabalho em sala de aula com letra de músicas, ainda hoje é muito estimulante para os alunos de todas as faixas etárias, assim como uma metodologia diferenciada que permite aos docentes, uma aproximação mais rápida e eficaz com os anseios de aprendizagem dos alunos, principalmente dos adolescentes nas séries do Ensino Médio.

Nosso trabalho como educadores em escolas afastadas dos grandes centros urbanos, tem nos mostrado vários indícios de que atualmente, a preferência musical dos nossos alunos é o *rap* (*rhythm and poetry*). Em várias ocasiões pudemos perceber que quando os alunos têm liberdade para escolher a forma e o estilo de texto para manifestar suas opiniões sobre diversos temas, ou para apresentar trabalhos escolares, muitos deles optam pela linguagem e estilo do *rap*. Essa escolha, na maioria das vezes, causa um estranhamento na comunidade escolar, desde os gestores até alguns dos docentes, que por desconhecerem o movimento cultural Hip-Hop, acabam inibindo a criatividade dos alunos, não valorizando suas produções e algumas vezes até proibindo o aluno de se manifestar por meio desse gênero, o que caracteriza um grande desrespeito com sua forma de expressão.

Nossa convivência diária com os embates entre a forma de se expressar do aluno e a linguagem institucionalizada da escola foi o que nos despertou e nos encorajou a nos aprofundar nesse trabalho. Assim esta pesquisa tem como objetivo mostrar as noções de cenografia, ethos e interdiscurso presentes nas letras de três músicas do grupo de *rap* Racionais MC's, bem como, por meio dos estudos sobre os "gêneros textuais" mostrar as relações sociais que implicam na constituição do *rap*. Sendo assim, cabem alguns esclarecimentos sobre o objeto específico da análise.

Considerando que o Hip-Hop é um movimento cultural que teve início nos primórdios dos anos de 1970 no bairro do Bronx, subúrbio de Nova Iorque. Sua constituição contou com a importante participação de jovens afro-

americanos e caribenhos tendo como principais criadores , os DJs Afrika Bambaataa e Kool Herc. Em sua obra sobre Hip-Hop, Leal ,conhecido como DJ TR(2007,p.20) fala da importância do surgimento do movimento:

Quando o rock parece estagnado, uma inovação surge para levar a música de volta às ruas. Vinda do Bronx, em Nova York, essa transformação radical provoca tanto medo e desconfiança quanto o rock quando surgiu. Longe da elegante Manhattan, a juventude negra, através de novos estilos de dança (*break*) e artes (grafite), dá vida ao Hip-Hop, movimento embalado pela trilha sonora de DJs locais como Afrika Bambaataa.

O movimento Hip-Hop é constituído por quatro elementos: a dança (*break*); artes (grafite); os MCs (mestres de cerimônia ou controladores de microfones) e o *rap* (música ou poesia).

Poderíamos discorrer sobre a arte de grafitar, já que o grafite é visto pelos historiadores como a arte mais antiga do mundo, ou nos aprofundarmos no *break*, forma de expressão corporal importante para o movimento que na época de seu surgimento era muito utilizada pelas gangs. Uma forma de disputa pacífica, porém como nosso trabalho de pesquisadora é o texto, privilegiou-se um estudo intrínseco dos elementos caracterizadores do *rap*, que entre os quatro elementos do Hip-Hop, é tido como o pilar de sustentação do movimento.

Para que se entenda melhor a escolha do corpus da análise que será compreendida, assim como a identificação que os alunos evidenciam ter com esse gênero musical , faz-se necessário conhecer o grupo responsável pelas referidas letras.

O grupo Racionais MC's é formado por quatro rappers: Mano Brown, que compõe e canta a maioria das letras; Ed Rock, que também compõe e canta com Mano Brown boa parte das letras; Ice Blue, que tem participação no grupo como voz auxiliar nos raps e KL Jay, que é o DJ, que cria e executa na aparelhagem de som as bases musicais dos *raps*. De acordo com Motta (2008, p. 98)

Esse grupo se formou no final da década de 1980 em São Paulo, a partir de duas duplas pré-existentes, Brown e Blue vindos da Zona Sul ( os BBBoys) e Ed Rock e KL Jay, vindos da Zona Norte. Por terem sua primeira gravação antes de 1990, são considerados no movimento Hip-Hop como pioneiros (ou primeira geração) do rap nacional.

Apesar de se colocarem contra a grande indústria cultural e manterem-se afastados das grandes emissoras de rádio e televisão, contam com milhões de fãs e conquistaram o respeito do público e da crítica cultural do país.

As músicas do grupo Racionais MC's , *corpora* dessa pesquisa, não foram escolhidas ao simples acaso; são músicas que são recitadas/cantadas diariamente por alguns alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio regular. O efeito de sentido produzido pelas músicas nos alunos, em especial, com estas músicas em questão, segundo relatos informais entre si e deles com esta pesquisadora, é da identificação do contexto social levantado pelo autor das letras (Mano Brown) com suas vidas de habitantes da periferia: presença cotidiana da criminalidade, drogas, desqualificação do negro, do pobre e do periférico, desejo e atitudes em busca de uma vida melhor, aconselhamento sobre o como é ruim e curta a vida do viciado e do ( muitas vezes, além de viciado) criminoso.

Tais comentários dos alunos serviram como norte/ideia inicial para que se buscasse em tais letras, por meio da análise do discurso e do estudo dos gêneros textuais (conforme propostos respectivamente por Maingueneau (2008 a, 2008 b, 2008c); Amossy (2008), Bakhtin (2003), os elementos e as escolhas lexicais por meio dos quais se dá a identificação referida entre música versus vida real para os alunos.

Um olhar mais atento e demorado desta pesquisadora sobre as letras das músicas e certo conhecimento do quadro social, cenário das canções e realidade em que vivem os alunos já mencionados, fez surgir a ideia da pesquisa científica, motivação para a realização deste Mestrado, para o qual a dissertação teve como norte a seguinte pergunta de pesquisa: Que imagem discursiva contida nas letras dos *raps* “Capítulo 4, Versículo 3”, “Vida Loka parte 2” e “ Fim de semana no parque” retoma a realidade vivida pelos alunos dos 2ºs e 3º anos do Ensino Médio numa escola da região periférica da Grande São Paulo?

Entende-se pelo espaço geográfico chamado de Grande São Paulo ou Região Metropolitana de São Paulo a reunião de 39 municípios ao redor da capital do Estado de São Paulo em intenso processo de crescimento que expande a cidade para fora de seu perímetro absorvendo aglomerados rurais (também chamado de “cinturão verde”) e outras cidades. Estas, até então com vida política e administrativa autônomas, acabam tendo suas dinâmicas operacionais como se fossem parte integrante da metrópole.

Ainda que seja rejeitado por muitos da sociedade, que o consideram de baixa qualidade, ou inferior a outros gêneros textuais e musicais, não há como negar ou desprezar o quanto o estilo do *rap* está cada dia mais inserido no espaço escolar. Uma vez que esse fato faz parte da realidade social da comunidade escolar em tela, vislumbra-se a relevância dessa pesquisa, pois a partir do momento em que se reconheça e se dê ao *rap* um valor científico por meio de uma pesquisa acadêmica, ele passará a ser visto como um texto importante de ser trabalhado em sala de aula.

Essa dissertação obedecerá à seguinte divisão de capítulos:

No capítulo 1, será apresentada e discutida a fundamentação teórica que norteia esse trabalho, bem como a justificativa do porquê da escolha de tais eixos teóricos para a análise do corpora, apresentamos alguns conceitos da Análise do Discurso preconizados por Dominique Maingueneau.

No capítulo 2, Análise textual constativa . Análise do rap *Capítulo 4, Versículo 3*” do grupo Racionais MC’s., em que mostraremos os recursos linguísticos/discursivos que o enunciador utiliza para a construção das cenas de enunciação e, conseqüentemente, do *ethos* discursivo dos rappers moradores da periferia de São Paulo.

No capítulo 3 , Análise textual comparativa. Análise do rap *Vida Loka- parte 2* do grupo Racionais MC’s, no qual faremos uma comparação com a letra anterior para averiguar se a constituição da cenografia, interdiscursividade e o *ethos* discursivo são circunstanciais ou uma característica do *rap* do grupo Racionais MC’s.

No capítulo 4, Análise comprobatória. Análise do rap *Fim de semana no parque*, do mesmo grupo de rap. Nesse capítulo mostraremos que é característico na linguagem do rap do grupo Racionais MC’s, o enunciador legitimar sua fala através de recursos linguísticos/discursivos, sobretudo por meio da cenografia, da interdiscursividade e do *ethos* discursivo.

Concluiremos com a apresentação das considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

## CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este Capítulo tem a finalidade de apresentar os pressupostos teóricos que deram norte ao desenvolvimento desta pesquisa, que teve por objetivo mostrar as noções de interdiscurso, cenografia e ethos presentes nas letras de rap “Capítulo .4 Versículo 3”, “Vida Loka- parte 2” e “Fim de semana no parque” do grupo de rappers “Racionais MC’s” com o intuito de examinar os fatores discursivos que levam alunos das séries finais do Ensino Médio a se identificarem com o discurso presente em tais letras.

Para a análise dos corpora desse trabalho, optamos pelas concepções da Análise de Discurso da linha Francesa, proposta por Dominique Maingueneau, dando enfoque a três categorias apresentadas nas obras “Análise de textos de comunicação” e atualizadas em outras publicações como em “Gênese dos discursos” e “Cenas da enunciação”, bem como os estudos realizados por Ruth Amossy (2008), cuja noção de *ethos* corrobora na análise do texto dessa pesquisa. As categorias acima citadas são: cenas da enunciação/ cenografia e *ethos* discursivo bem como os desdobramentos que se fazem necessários para a construção do percurso da constituição dos discursos ( o interdiscurso, os gêneros de discurso etc.).

### 1.1 A noção de interdiscurso

Ao recorrermos às tendências mais recentes da Análise do Discurso, verificamos que há várias acepções sobre a noção de discurso e de Análise do Discurso. Maingueneau (2008 b, p.15) entende o discurso como sendo *uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas*.

É na heterogeneidade que os discursos se constituem, e cabe aos linguístas distinguirem heterogeneidade “mostrada” e a heterogeneidade “constitutiva”. A primeira diz respeito ao que é explícito no texto ( palavras entre aspas, discurso citado etc. ) A segunda não deixa marcas visíveis. É na perspectiva da heterogeneidade constitutiva que o autor- em uma relação interdiscursiva entre os sujeitos presentes no enunciado e nos diversos discursos que busca para formar os próprios - nos apresenta o primado do interdiscurso, cuja definição e relevância para esta pesquisa serão mostradas no item a seguir.

## 1.2 O primado do interdiscurso

Para tornar mais claro o princípio do interdiscurso, Maingueneau (op.cit. p.33) aponta para uma tríade capaz de operacionalizar tal princípio: o *universo*, o *campo* e o *espaço* discursivo. Por *universo discursivo* o autor entende o *conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada*. Trata-se de um conjunto finito de formações discursivas, ou seja, a somatória de todos os discursos internos e externos com que o enunciador já teve contato e recorre a eles no momento de formar os enunciados, mas que não pode ser apreendido em sua globalidade. O *campo discursivo* é entendido como um *conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência*. Essa concorrência se dá entre discursos que apesar de possuírem a mesma função social, divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. Os campos discursivos não são evidentes, delimitá-los implica operar com escolhas e enunciar hipóteses. Pode-se distinguir, por exemplo, o campo discursivo político, religioso, literário etc. Maingueneau (2008 b, p. 34) diz que:

É no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e levantamos a hipótese de que essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes.

Na impossibilidade de determinar as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo discursivo, Maingueneau (op.cit. p.35) vê a necessidade de isolar, no campo, *espaços discursivos*, isto é, *subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação*.

Maingueneau (op.cit. p.35-36) postula que reconhecer o primado do interdiscurso implica a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro*.

No espaço discursivo não é necessário que o Outro seja explícito localizável, uma vez que ele se encontra na raiz de um Mesmo. O Mesmo do discurso e seu Outro se constroem de forma indissociável, dessa forma, depreende-se que a interdiscursividade é anterior à discursividade, sendo assim, tem primazia como objeto de análise.

### **1.3 Uma semântica global**

Com o intuito de proporcionar ao pesquisador uma análise que integrasse as múltiplas dimensões textuais e pensando nos equívocos de analistas em privilegiar em seus planos de análise somente o enunciado e a enunciação, Maingueneau (op.cit. p. 75) sugere o estudo do texto na sua globalidade e apresenta uma semântica global:

Um procedimento que se funda sobre uma semântica “global” não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus “planos”, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação.

A semântica global refere-se a todo conjunto dos planos discursivos: *a intertextualidade, o vocabulário, os temas tratados, o estatuto do enunciador e do coenunciador, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão.*

Não há uma hierarquia entre os planos, no entanto, é possível compreendê-los a partir do conceito de cena da enunciação, dessa forma estabelecemos uma certa ordem hierárquica que norteará a análise do universo discursivo : os temas estão relacionados à cena englobante; o estatuto do enunciador e do destinatário à cena genérica; intertextualidade, vocabulário, dêixis, modo de enunciação e coesão estão relacionados à construção da cenografia e do *ethos* ; categorias de análise que foram privilegiadas neste trabalho.

#### **1.4 Os Gêneros do discurso**

A noção de gênero é de extrema valia em nossa pesquisa, não para estudarmos a estrutura e/ou a tipológica que caracterizam o *rap*, mas para entendermos as relações sociais que implicam na constituição dessa tipologia textual.

#### 1.4.1 O precursor do conceito gênero.

Ao longo dos anos tem surgido várias classificações sobre a noção de gênero do discurso, tendo como precursor nos estudos de gêneros, tal qual entendemos nos dias atuais, o estudioso Mikhail Bakhtin. Sua contribuição nas formas de produção de sentido, e as relações dialógicas foram essenciais para que muitos linguístas ampliassem suas ideias e desenvolvessem novas reflexões sobre gêneros, principalmente na perspectiva da Análise de Discurso.

De acordo com o que postulou Bakhtin (2003, p.261), toda a atividade humana tem como base o uso de uma determinada língua; é em forma de enunciado que a língua se efetua. Em nosso cotidiano, dispomos de uma enorme variedade de textos (orais ou escritos), uma vez que este é um evento sócio comunicativo e histórico, dessa forma são associados à questões sociais de onde são veiculados. Cada enunciado (texto) possui sua função específica, sua finalidade e obedece a certas condições organizacionais como: o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional, esses três elementos são determinados pela especificidade de cada campo comunicacional. De acordo com autor:

... cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Para Bakhtin gênero são tipos relativamente estáveis de enunciado. A diferente funcionalidade dos gêneros deve-se a flexibilidade que os enunciados adquirem para atenderem as mais diversas esferas sociais de comunicação.

Para o autor os estudos da Retórica e até mesmo da linguística geral trabalhavam somente com discursos que ele denomina de secundários, não privilegiando o gênero enquanto produto da língua; ignorando os usos da língua e sua globalidade. Segundo Bakhtin (op.cit. p 263):

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atenta para a diferença essencial entre gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional.

Dessa forma define gêneros primários (simples) que são os espontâneos, os que incidem nas condições da comunicação do cotidiano. Já os secundários (complexos) são os que surgem em circunstâncias de comunicação mais desenvolvidas, mais cultural. Ao fazer essa definição Bakhtin observa que os gêneros secundários se transformam em seu processo de formação, e isso se dá pela incorporação de diversos gêneros primários. Sobre esse aspecto, Bakhtin (op.cit. p 263) postula:

Esses gêneros primários, que integram os complexos (secundários), aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios.

O autor ressalta que é essencial uma análise que abranja as duas formas/modalidades de gênero, que é necessário ter conhecimento da natureza e da diversidade dos gêneros de discurso para que uma análise eficiente não fique apenas no campo da abstração, uma vez que, a língua é inerente a nossa vida através de enunciados concretos. Dessa forma podemos inferir que gêneros são, antes de qualquer aceção, práticas sociais.

#### **1.4.2 Gêneros de discurso na concepção de Maingueneau.**

Na perspectiva da análise do discurso proposta por Maingueneau (2008a.,p.61) os gêneros são caracterizados como *dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio históricas estão presentes*, não há um texto que não pertença a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso, essa categoria é determinada por sua finalidade social. Se a existência de um gênero está atrelada a condições sócio históricas depreendemos que essas condições dizem respeito aos atores sociais, a tempo-espço. É pela dimensão social que as letras de *rap* assumem que nesta pesquisa tratamos desses textos como um gênero textual específico, retrata uma realidade vivida por moradores adolescentes, as personagens podem ser fictícias, mas por meio delas o *rap* divulga uma vida que é real.

Vivenciamos várias situações em nosso cotidiano, sejam elas, familiares, profissionais, sociais etc., para cada situação utilizamos um enunciado que pertence a um gênero de discurso.

Enquanto alguns autores não diferenciam gênero e “tipo de discurso”, Maingueneau (op.cit., p. 61) faz essa distinção observando que: *os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social.*

Além de distinguir gênero e tipo de discurso, o autor nos aponta outras classificações de tipologia: *lugar institucional* como a família, a escola, o hospital, a empresa, etc.; o *estatuto dos parceiros do discurso* como discurso da mulher, do idoso, da criança etc., ou um *posicionamento de natureza ideológica* como o discurso socialista, o católico. Atualmente podemos observar e é passivo de se acrescentar aos critérios de tipologias, outras classificações de discurso consideradas não tópicas, até mesmo, pela dificuldade para o pesquisador em reconhecer uma ideologia como o *discurso homofóbico*, o *discurso racista* etc.

A comunicação entre as pessoas só é possível porque reconhecem e compartilham os gêneros nas falas entre si, dessa forma asseguram a comunicação verbal.

Como observado anteriormente, gêneros de discurso equivalem a atividades sociais. Maingueneau (op.cit. p.65) postula que *um gênero de discurso encontra-se também submetido a um conjunto de condições de êxito* e nos apresenta alguns elementos que envolvem essas condições: uma *finalidade reconhecida*, a escolha de um determinado gênero a outro. Essa escolha é essencial para que o co-enunciador corresponda adequadamente ao gênero de discurso empregado; um *estatuto de parceiros legítimos*, diz respeito ao papel que enunciador e co-enunciador devem assumir na interação nos diferentes gêneros de discurso; o *lugar e o momento legítimos*, para legitimar determinado gênero de discurso o momento e o lugar em que o enunciado acontece devem ser considerados; um *suporte material*, na dimensão *midológica* dos enunciados, diz respeito a qual mídia um texto será transmitido a um interlocutor. Um gênero de discurso modifica-se radicalmente quando há uma modificação do suporte material de um texto; uma *organização textual*, é necessário que o co-enunciador tenha clareza no *encadeamento de seus constituintes*, ou seja, conheça a organização textual.

Para auxiliar na caracterização de um gênero de discurso Maingueneau (op.cit. p.69), apresenta três metáforas *tomadas de empréstimo* de três domínios: *jurídico* ( contrato), *lúdico* (jogo) e *teatral* (papel).

O contrato diz respeito ao conhecimento e aceitação mútua de regras de sistematização por parte dos participantes, assim como as sanções previstas para quem as transgredir.

A metáfora teatral faz referência aos múltiplos papéis sociais que os interlocutores assumem nas diversas situações em que atuam. Para exemplificar podemos citar uma professora que em uma instituição de ensino comportar-se-á como tal, porém em sua casa exercerá papéis diversos, como mãe, dona de casa, esposa etc.

O jogo é o espaço de integração entre os sujeitos, é o cruzamento das metáforas do contrato com as do teatro. Assim como em um jogo, no gênero do discurso existem regras (contrato); jogadores (papéis). Sobre esse aspecto Maingueneau( op.cit. p.70) observa que:

Como o jogo, um gênero implica um certo número de regras preestabelecidas mutuamente conhecidas e sua transgressão põe um participante “fora do jogo”. Mas contrariamente às regras do jogo, as regras do discurso nada têm de rígido: elas possuem zonas de variação, os gêneros podem se transformar.

Outro aspecto relevante a ser considerado aos elementos caracterizadores do gênero é o modo de *manifestação material* dos discursos, seu *suporte*, uma vez que o efeito de sentido que um texto tende a produzir pode ser modificado se apresentado em suportes diferentes.

Para melhor compreender a relevância do estudo dos gêneros do discurso para essa análise, de acordo com a teoria de Maingueneau , não se pode perder de vista , que o autor integra os discursos nas dimensões linguística, social e histórica. Dessa forma, não se separa do texto analisado: o

contexto social (periferia), do qual o *rap* tornou-se a voz e o grupo Racionais MC's, o mais importante porta-voz das periferias de São Paulo.

Temos até aqui formulado então, que um discurso emana de um enunciador inserido em certo espaço social e que seu enunciado para ser aceito deve respeitar às regras de convívio social de certo grupo. O entendimento de tais dados sobre o discurso ajuda na compreensão do funcionamento do item a seguir, no qual discorreremos sobre as condições determinantes da ocorrência de um discurso.

### **1.5 A cena de enunciação**

A enunciação se dá no interior de um espaço que é instituído e marcado por um gênero de discurso. Ao usar o discurso, o enunciador encena sua fala e constrói seu próprio espaço/cenas de enunciação. A essas cenas, Maingueneau designou cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante se dá em um espaço social definido delimitando, dessa forma, o espaço de origem de um enunciado. É por meio da cena englobante que se reconhece o lugar social, da instituição da qual deriva o discurso. Tal cena é a que corresponde ao tipo de discurso e através dela é possível dizer que determinado texto pertence a determinado discurso: político, religioso, publicitário etc.

A cena genérica trata das restrições que a estrutura textual demanda. Diz respeito ao gênero de discurso utilizado, sendo assim, está associada às condições de enunciação. Existem cenas que possuem certa estabilidade estrutural, por exemplo: prescrição médica, carta comercial etc.

As duas cenas citadas definem conjuntamente o que Maingueneau chama de quadro cênico do texto, ou seja, a cenografia.. *É ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero e discurso.*

A cenografia produz a imagem que corresponde a uma dada situação enunciada, dessa forma ela não pode ser entendida simplesmente como um quadro, um cenário, ou arranjo a partir dos quais a enunciação ocorre, na verdade, a cenografia é dada e construída por meio da enunciação. Sobre esse aspecto Maingueneau (op.cit. p.87) postula:

... a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra.

A cenografia pode apoiar-se em cenas de fala, é o que Maingueneau chama de *cenas validadas*, que são cenas já instaladas na memória coletiva, para exemplificar esse conceito, o autor cita que a reflexão que uma família faz durante a refeição, é uma cena validada instalada positivamente na cultura francesa. Maingueneau (op.cit. p. 92) ressalta que:

Se falamos de e não de “*cenografia validada*” é porque a “cena validada” não se caracteriza propriamente como discurso, mas como um estereótipo autonomizado, descontextualizado, disponível para reinvestimentos em outros textos.

A fala emerge na cenografia e é através da cenografia que se constroem condições para enunciar adequadamente o que convém ( uma cena genérica), levando em conta os lugares sociais de onde se fala ( uma cena englobante). Sendo assim depreendemos que é pela cenografia que se torna possível apreender uma imagem do falante ( o *ethos*).

Portanto a seguir definiremos o conceito de *ethos* discursivo, importante categoria a qual chegamos após a análise dos elementos da cenografia. A noção de *ethos* encontra-se no interior de uma semântica global e vem a ser o plano do discurso por meio do qual co-enunciador capta (ou depreende) a imagem discursiva mostrada pelo enunciador durante o ato da enunciação.

## 1.6 O *ethos* discursivo

Sem que seja necessário ao enunciador fazer seu auto-retrato, mostrando suas características, suas qualidades e seus defeitos, quem faz uso da palavra seja de forma oral ou escrita transmite a seu ouvinte uma imagem de si, de seu estilo de ser ou de estar no momento da enunciação.

É no momento da enunciação, através de pistas (escolha lexical, postura corporal, vestimenta etc.), que o enunciador constrói para seu(s) co-enunciador(es) uma representação de si. De acordo com Maingueneau (2008 a, p.95) *toda fala procede de um enunciador encarnado; mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além texto.*

Maingueneau desenvolveu em seus estudos a noção de *ethos* articulada à de cena de enunciação. Para o autor o discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis, sendo assim, o locutor pode escolher livremente sua cenografia, por exemplo, no discurso jornalístico, o escritor de uma coluna pode falar a seus leitores como homem defendendo o mesmo ponto de vista de seus leitores, como expert em determinado assunto, etc.

Dando amplitude a noção de *ethos* em sua proposta de Análise do Discurso, o autor relaciona a noção de *ethos* à noção de *tom*, que remete tanto ao discurso escrito quanto ao falado. Deve-se considerar o tom (que pode ser inflamado, pedagógico, religioso) com que se diz o discurso, assim como o *caráter* (conjunto de características psicológicas) e a *corporalidade* (conjunto

de características físicas como indumentária, postura, gestos, feições fisionômicas) de quem diz.

Como foi observado anteriormente, o *ethos* é concebido como uma noção sócia discursiva que abarca o social e sua manifestação no discurso, sendo assim, deve ser apreendido em situações de comunicação, assim o que é dito e o tom com que é dito são inseparáveis.

Para Maingueneau, o *ethos* é um processo interativo de influência sobre o outro em que o coenunciador, através de indícios fornecidos pelo texto, tem condições de formar uma representação do sujeito enunciador que por sua vez desempenha um papel de fiador responsável pelo texto. O *ethos* é construído no âmbito da atividade discursiva. A imagem de si é construída dentro da instância enunciativa no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso. Barthes (*apud* Maingueneau, 2088a, p. 98) diz que:

São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar [...] O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso e não aquilo.

Dessa forma temos explicitada a dinâmica pela qual *ethos* liga-se ao enunciador, principalmente através das escolhas linguísticas feitas por ele. Estas escolhas revelam pistas acerca da imagem do próprio enunciador, que é construída no âmbito discursivo.

Ao sistematizar o conceito de *ethos* discursivo, Maingueneau afirma que este se liga diretamente ao *tom que engendra o discurso*. Esse tom estaria ligado a uma corporalidade e ao caráter do enunciador. De acordo com Maingueneau (op.cit. p.98-99):

O “caráter” corresponde a uma gama de traços psicológicos. Já a “corporalidade” corresponde a uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social. O *ethos* implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global.

Para designar a ação do *ethos* sobre o co-enunciador (fiador), ou seja, o modo como o co-enunciador se apropria do *ethos*, Maingueneau nos apresenta o conceito de incorporação. O co-enunciador *incorpora* com base nos indícios linguísticos fornecidos pelo enunciador, uma imagem. Temos dessa forma, o *ethos* construído.

Interessa para a Análise de Discurso, como o enunciador faz uso de recursos linguísticos para a construção do *ethos*. Fato importante a ser considerado é que a incorporação só ocorre porque existem estereótipos que são partilhados, que tornam possíveis uma associação a um tom, um caráter e uma corporalidade. Sobre incorporação, Maingueneau (2008c, p.65) postula que essa “incorporação” pode-se fazer atuar em três registros indissociáveis:

- A enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá um corpo.
- O co-enunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.
- Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso.

É necessário ressaltar que para a Análise do discurso o que importa é o *ethos* construído e os possíveis efeitos de adesão, de identificação do coenunciador com o discurso.

Diante dos conceitos e observações até aqui expostos podemos entender o dinamismo e funcionamento dos textos/discursos: O enunciador além de encontrar-se inserido em uma situação de enunciação, está inserido também em um contexto histórico e social. Ao enunciar o enunciador tem como intenção passar uma imagem de si ao coenunciador.

A representação subjetiva construída pelo enunciador pode ou não coincidir com seus verdadeiros traços. Dessas representações surge a imagem do fiador que é aquela que o coenunciador deve construir com base em indícios de diversas ordens e dá sustentação ao dito.

Sendo assim, as letras de *rap* se constituem como material de análise, porque são práticas discursivas, que em suas construções apresentam regularidades que tornam possíveis perceber um enunciador que se movimenta em um determinado espaço social e que, levando em conta o outro, constrói seu discurso.

## CAPÍTULO 2 – ANÁLISE TEXTUAL

*Eu sou um bom rimador, porque eu rimo  
as coisas da rua. Sou um rimador de  
rua, só rimo as coisas da rua.*

*Mano Brown*

Como critério de análise, faremos um recorte das estratégias linguísticas discursivas de que o enunciador faz uso para legitimar seu dizer. Buscaremos, sobretudo averiguar como o enunciador constrói as cenas que legitima sua situação de enunciação, a interdiscursividade, além do *ethos* discursivo que emerge da cenografia.

### 2.1 - Análise constativa

Nesta etapa da pesquisa faremos a análise do corpus, aqui representado pela letra de *rap* intitulado “Capítulo 4, Versículo 3”, do grupo Racionais MC’s. Julgamos pertinente fazer a análise dessa letra, pois além de ser uma das músicas mais conhecidas do grupo, apresentam questões referentes ao contexto das periferias das grandes cidades, principalmente da cidade de São Paulo.

Capítulo 4 Versículo 3

Racionais MC’s

Album: Sobrevivendo no inferno

60% dos jovens de periferia sem antecedentes

criminais já sofreram violência policial;  
a cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras;  
nas universidades brasileiras, apenas 2% dos  
alunos são negros;  
a cada 4 horas um jovem negro morre  
violentamente em São Paulo;  
aqui quem fala é Primo Preto, mais um  
sobrevivente.

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar!  
Eu tô em cima, eu tô a fim, um dois pra atirar!  
Eu sou bem pior do que você tá vendo  
O preto aqui não tem dó, é cem por cento veneno!

A primeira faz "bum!", a segunda faz "tá!"  
Eu tenho uma missão e não vou parar!  
Meu estilo é pesado e faz tremer o chão!

Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita  
munição!  
Pra detonar minha ascensão, minha atitude vai  
além!  
E tem disposição pro mal e pro bem!  
Talvez eu seja um sádico ou um anjo  
Um mágico ou juiz, ou réu  
Um bandido do céu!  
Malandro ou otário, padre sanguinário!  
Franco atirador se for necessário!  
Revolucionário ou insano. Ou marginal!  
Antigo e moderno, imortal!  
Fronteira do céu com o inferno!  
Astral imprevisível, como um ataque cardíaco do  
verso!  
Violentemente pacífico!  
Verídico!

Vim pra sabotar seu raciocínio!  
Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo!  
Pra mim ainda é pouco, dá cachorro louco!

Número um... um dia terrorista da periferia!

Uni-duni-tê, eu tenho pra você,  
um rap venenoso ou uma rajada de PT!

E a profecia se fez como previsto:

Um nove nove sete, depois de Cristo.

A fúria negra ressuscita outra vez:

RACIONAIS, Capítulo 4 Versículo 3.

Racionais!!!

"No ar, filha da puta!

Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom!

Eu tô na rua de bombeta e moleton!

Din-din-don, repercusson... quem manda no Opala  
marrom!

E aí...

Chama o Guilherme, chama o Vanio, chama o  
Dinho,

E o Di, Marquinho chama o Éder vamo aí,

Se os outros manos vემ, pela ordem tudo bem!

Melhor, quem é quem, no bilhar no dominó. "

Rolou dois manos,

um acenou pra mim,

de "jaco" de cetim

de tenis calça jeans.

"Hey Brown, sai fora, nem vai, nem "cola"!

Não vale a pena "dar idéia" nesse tipo aí.

Ontem a noite eu vi, na beira do asfalto

tragando a morte, soprando a vida pro alto!

Ó os caras só pó pele e osso, no fundo do poço,

E mais flagrante no bolso!"

Veja bem, ninguém é mais que ninguém, veja bem,  
veja bem e eles são nossos irmãos também.

"Mas de cocaína e crack, whisky e conhaque,

os manos morrem rapidinho sem lugar de destaque!"  
Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma  
nem dá...  
Nunca te dei pôrra nenhuma!  
Você fuma o que vem, entope o nariz!  
Bebe tudo que vê!  
Faça o diabo feliz!  
Você vai terminar tipo o outro mano lá, que era preto tipo A  
Ninguém "entrava numa", mó estilo!  
De calça "Calvin Klein", tênis "Puma"  
É... o jeito humilde de ser, no trampo e no rollê.  
Curtia um funk, jogava uma bola,  
buscava a preta dele no portão da escola.  
Exemplo pra nós, maior moral, "mó" IBOPE!  
Mas começou "colar" com os branquinhos no shopping,  
"Ai já era"..  
Ih! Mano, outra vida, outra pique!  
E só mina de elite, balada e vários drinks!  
Putá de Botique, toda aquela pôrra!  
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra!  
Hã... faz uns nove anos...  
Tem uns 15 dias atrás eu vi o mano...  
Cê tem que ver, pedindo cigarro pro "tiozinho" no ponto  
Dente todo "zoadado", bolso sem nem um conto!  
O cara cheira mal, cê ia sentir medo!  
Muito louco de sei lá o quê, logo cedo!  
Agora não oferece mais perigo:  
viciado, doente e fudido, inofensivo!  
Um dia um PM negro veio embaçar,  
E disse pra eu me por no seu lugar.  
Eu vejo mano nessas condições não dá...

Será assim que eu deveria estar?  
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor!  
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor,  
te oferece dinheiro, conversa com calma.  
Contamina seu caráter, rouba sua alma.  
Depois te joga na merda sozinho!  
É... transforma um "preto tipo A" num "neguinho"!  
Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma  
Louvado seja o meu Senhor!  
Que não deixe o mano aqui desandar,  
Ah! e nem "sentar o dedo" em nenhum pilantra!  
Mas que nenhum filha da puta ignore minha lei:  
RACIONAIS Capítulo 4 Versículo 3!  
Racionais!!!  
No ar filha da puta!  
Quatro minutos se passaram e ninguém viu,  
O monstro que nasceu em algum lugar no Brasil!  
Talvez um mano que trampa debaixo do carro sujo  
de óleo,  
que enquadra um carro forte na febre com sangue  
nos olhos!  
O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol  
ou o que vende chocolate de farol em farol!  
Talvez o cara que defende o pobre no tribunal,  
ou que procura vida nova na condicional.  
Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de vela,  
ouvindo o rádio velho, no fundo de uma cela!  
Ou da família real de negro como eu sou,  
um príncipe guerreiro que defende o gol!  
E eu não mudo, mas eu não me iludo:  
os mano "cu de burro", eu tenho eu sei de tudo!  
Em troca de dinheiro e um carro bom  
tem mano que rebola e usa até batom!  
Vários patrícios falam merda, pra todo mundo rir!  
haha! pra ver branquinho aplaudir!  
É... na sua área tem fulano até pior!

Cada um, cada um,  
você se sente só!  
Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério,  
ou explode sua cara por um toca fita velho!  
click! plau! plau! plau! e acabou!  
Sem dó e sem dor  
Foda-se sua cor!  
Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder!  
Você sabe porque, pra onde vai, pra quê.  
Vai, de bar em bar, de esquina em esquina,  
pegar 50 contos, trocar por cocaína,  
E fim! o filme acabou pra você!  
A bala não é de festim! Aqui não tem dublê!  
Para os manos da baixada, fluminense à Ceilândia:  
eu sei. as ruas não são como a Disneilândia!  
De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro,  
ser um "preto tipo A" custa caro!  
É foda!  
Foda é assistir a propaganda e ver,  
não dá pra ter aquilo pra você,  
playboy "forgado" de brinco com trouxa,  
Roubado dentro do carro na Avenida Rebouças!  
Correntinha das moças,  
Madame de bolsa é dinheiro.  
Não tive pai, não sou herdeiro.  
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal,  
por menos de um real,  
minha chance era pouca,  
Mas se eu fosse aquele moleque de touca,  
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca,  
"de quebrada".  
Sem roupa, você e sua mina,  
Um, dois! Nem me viu! Já sumi na neblina!  
Mas não...  
Permaneço vivo, luzindo a mística!  
27 anos, contrariando a estatística!

O seu comercial de TV não me engana,  
Hã! Eu não preciso de status nem fama.  
Seu carro e sua grana já não me seduz,  
E nem a sua puta de olhos azuis!  
Eu sou apenas um rapaz latino americano  
apoiado por mais de 50 mil manos!  
Efeito colateral que seu sistema fez,  
Racionais, capítulo 4 versículo 3!

Como citado na introdução dessa análise, o recorte que faremos está focado nas cenas que legitimam a situação de enunciação, o interdiscurso e o ethos discursivo que emerge da cenografia. Maingueneau (2008, p. 86) postula que a cena genérica trata das restrições que a estrutura textual demanda, refere-se ao gênero do discurso no qual cada gênero de discurso define seus papéis.

O rap é um suporte de um ato discursivo socialmente reconhecido, o qual é enunciado por meio de um gênero de discurso. Esse gênero de discurso torna-se um cenário onde o enunciador vê a si próprio e a outros.

### **2.1.1 – A cenografia da enunciação**

Uma das marcas linguísticas que constituem o gênero *rap* é o emprego de gírias. A variedade do léxico empregado no *rap* nos faz ficar tentados a elaborar um glossário para o leitor, porém nosso objetivo não é nos aprofundarmos em um estudo gramatical, mas sim perceber como o uso da variante contribui na construção das cenas de enunciação e do *ethos* discursivo do rapper da periferia.

Para construirmos a imagem do enunciador da periferia, não só as cenas de enunciação e a cenografia servirão para tal feito uma vez que a

variante linguística presente no texto em análise reforça a cena genérica que configura a periferia. De acordo com Maingueneau(2008,p.52 c) :

Uma cenografia implica certo uso da linguagem e é igualmente indissociável dele. Tratando-se de discurso constituinte, a língua (idioma escolhido e o uso que faz dele) não pode ser, com efeito, um instrumento neutro, mas está investida como apropriada ao universo de sentido que o posicionamento pretende impor.

Ao fazermos um levantamento do modo de dizer do enunciador verificamos uma linguagem apropriada ao universo de sentido que o enunciador pretende impor .

Eu to / Um rap venenoso ou uma PT! / E o Di,  
Marquinho chama o Éder vamo aí / Se os outros manos  
vem, / De “Jacó” de cetim / Hey Brown, sai fora, nem  
vai, nem “cola” / Não vale a pena “dar ideia” nesse tipo  
aí/ Ó os caras só pó, pele e osso / Nunca te dei porra  
nenhuma! / Você vai terminar tipo o outro, que era preto  
tipo A / Ninguém “entrava numa”, mó estilo! / É o jeito  
humilde de ser, no trampo e no rollé/ Exemplo pra nós,  
maior moral, “mó” IBOPE / Mas começou “colar” com os  
branquinhos nos shopping / “Aí já era”/ Ih Mano! Outra  
vida, outro pique / É só mina de elite / Cê tem que ver,  
pedindo cigarro “tiozinho” / Dente todo “zoadado”, bolso  
sem nem um conto / Um dia um PM negro veio  
embaçar/ É transforma um “preto tipo” A num  
“neguinho” / Ah! E nem “sentar o dedo” em nenhum  
pilantra/Talvez um mano que trampa debaixo do caro  
sujo de óleo/ Que enquadra um carro forte na febre/ Os

manos “cu de burro”, eu tenho eu sei de tudo / Vários patrícios falam merda, pra todo mundo rir / Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca, de quebrada.

No trecho acima ao utilizar os léxicos em destaque , o enunciador adere a uma identificação com os outros que como ele são paradoxalmente mal, diante da sociedade e principalmente dos policiais, que os marginalizam ; e bom, pois apesar da marginalidade, usa como arma apenas sua palavra para sobreviver. Essa identificação entre ele e os outros “sobreviventes” como ele aumenta seu poder de persuadir aqueles “60% de jovens sem antecedentes criminais” a não se transformarem em apenas mais um número negativo na estatística das periferias.

Para cada cena de enunciação tem-se a linguagem própria. Ao usar o discurso o enunciador encena sua fala colocando-se, assim como seu interlocutor, numa rede de sentidos. De acordo com Maingueneau (2008,p.85), *Um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada.*

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial / a cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras / nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros/ A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo / aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente

Para apontar, através de seu discurso a veracidade dos fatos que ocorrem à população moradora nas periferias em geral, em especial na periferia de São Paulo e propiciar ao co-enunciador uma interpretação

correta , o enunciador inicia seu relato, apresentando dados estatísticos percentuais (*60% dos jovens de periferia..., 4 pessoas mortas..., 3 são negras..., apenas 2% dos alunos nas universidades são negras, a cada 4 horas um jovem negro morre violentamente*), que fazem com que o coenunciador aceite as informações como verdadeiras. Dessa forma também reafirma sua condição de morador que faz parte daquele local , mas que tem a intenção de esvaziar o lugar , de expor para outros coenunciadores o contexto em que vive.

Inicialmente essa população é referida como “jovens de periferia”. Na medida em que o quadro enunciativo se desenvolve, a expressão: “jovens de periferia” agrega-se à expressão “pessoas negras” especificando o referente que, por meio da progressão semântica pode ser apreendido como “jovens negros de periferia”.

Como sujeitos sociais, tal referente é apontado como grupo sobre o qual incidem ações sociais discriminatórias representadas pela violência policial e pela restrição ao acesso à educação superior. Tais formas de discriminação são, respectivamente representadas em termos estatísticos pelas expressões numéricas *60% e 4 a cada pessoas mortas pela polícia, 3 são negras e 2%*. Esses números cumprem a dupla função estatística de quantificar delimitando a amostra, assim como permitem interpretar desproporcionalidade entre ações negativas e ações positivas sobre o grupo social *“jovens negros de periferia sem antecedentes criminais”*.

Ao observar as reflexões apresentadas por Maingueneau de que não existe enunciado fora de um contexto, e que é a partir de indicações presentes no enunciado que o co-enunciador reconstrói o sentido do que é dito; tais reflexões nos levam a acordar com o *estatuto pragmático do enunciado* proposto pelo autor, no qual afirma que para interpretar um enunciado, deve-se considerá-lo como uma sequência de signos o que implica atribuir-lhe uma fonte enunciativa, no caso um sujeito que através de sua própria língua, teria a intenção de transmitir um certo sentido a um destinatário. No trecho acima depreendemos que há um enunciador que se designa como Primo Preto que

vive dentro da periferia, fazendo parte da violência nela existente, . O discurso de Primo Preto constrói sua representação em sua fala, a qual é encenada no gênero relato. Através desse gênero apresenta a um co-enunciador “você” que não faz parte do mesmo contexto e talvez não conheça como é a vida dos moradores desses locais.

Ao fazer uso do substantivo primo, que designa parentesco, pressupõe-se que há construção de um valor de amplitude pela organização de uma confraria familiar. E ele o “Primo Preto”, sendo mais um sobrevivente, subentende-se que além dele, existem outros, como ele negros, que conseguiram não ser apenas mais um entre outros, dessa forma, se vê na posição de descrever, para aquele coenunciador que está fora da periferia, sua realidade, seu cotidiano. Mesmo que para isso tenha que se posicionar com uma pré-disposição para o bem ou para o mal.

A cenografia produz a imagem que corresponde a uma dada situação enunciada, posto que é dada e construída por meio da enunciação.

Racionais!!!

No ar filha da puta!

Quatro minutos se passaram e ninguém viu,

O monstro que nasceu em algum lugar no Brasil!

Talvez um mano que trampa debaixo do carro sujo  
de óleo,

que enquadra um carro forte na febre com sangue  
nos olhos!

O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol  
ou o que vende chocolate de farol em farol!

Talvez o cara que defende o pobre no tribunal,  
ou que procura vida nova na condicional.

Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de vela,  
ouvindo o rádio velho, no fundo de uma cela!

[...]

Em troca de dinheiro e um carro bom  
tem mano que rebola e usa até batom!  
Vários patrícios falam merda, pra todo mundo rir!  
haha! pra ver branquinho aplaudir!  
É... na sua área tem fulano até pior!  
Cada um, cada um,  
você se sente só!  
Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério,  
ou explode sua cara por um toca fita velho!  
click! plau! plau! plau! e acabou!  
Sem dó e sem dor  
Foda-se sua cor!  
Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder!  
Você sabe porque, pra onde vai, pra quê.  
Vai, de bar em bar, de esquina em esquina,  
pegar 50 contos, trocar por cocaína,  
E fim! o filme acabou pra você!  
A bala não é de festim! Aqui não tem dublê!  
Para os manos da baixada, fluminense à Ceilândia:  
eu sei. as ruas não são como a Disneilândia!  
De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro,  
ser um "preto tipo A" custa caro!  
É foda!

No fragmento acima o enunciador diz que em quatro minutos (que é o tempo decorrido da música até essa cena), ninguém se dá conta de que o vício, as drogas podem fazer mais uma vítima, atingindo qualquer pessoa, independente da classe social a que pertence, pode ser um trabalhador, um mecânico, ou aquele que vende balas no farol, um advogado ou ex-detento na condicional, que para satisfazerem seu vício são capazes de cometer qualquer atrocidade. O enunciador cita alguns bairros periféricos das cidades: do Rio de Janeiro (Baixada Fluminense), de Brasília (Ceilândia) e de São Paulo (Guaianazes, Santo Amaro), bairros conhecidos através da mídia, pela violência e desigualdades existentes. Locais onde ser um "preto tipo A", ou

seja, andar bem vestido com roupa de marca conhecida, servir como exemplo, enfim ser honesto e ter dignidade custa caro.

### 2.1.2 - O ethos discursivo

É por meio de indícios fornecidos pelo texto que o enunciador transmite ao(s) coenunciador(es) suas características, seu modo de ser. Através de escolhas lexicais, postura corporal e vestimenta, que o enunciador constrói uma representação de si.

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar!  
Eu tô em cima, eu tô a fim, um dois pra atirar!  
Eu sou bem pior do que você tá vendo  
O preto aqui não tem dó, é cem por cento veneno!

Eu tenho uma missão e não vou parar!  
Meu estilo é pesado e faz tremer o chão!

Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição!

Pra detonar minha ascensão, minha atitude vai além!  
E tem disposição pro mal e pro bem

Como um sujeito que faz parte da periferia, o enunciador tem uma missão, que é relatar para os de fora, de forma contundente, o contexto social em que vive, sua forma de se posicionar diante das disparidades sociais da qual é um personagem, sobretudo, como sua palavra, seu exemplo para muitos daqueles “*jovens de periferia sem antecedentes criminais*” tem valor. E para uma encenação que busca para além da verdade a validade dos fatos representados usa sua palavra tanto para o bem, quanto para o mal caso seja necessário. Essa cenografia se projeta diante dos olhos do leitor/ouvinte com

um poder de argumento de auto-afirmação de um enunciador inserido em um contexto de mundo factual que apresenta o *ethos* de auto

Racionais!!!

"No ar, filha da puta!

Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom!  
Eu tô na rua de bombeta e moleton!  
Din-din-don, repercusson... quem manda no Opala  
marrom!

E aí...

Chama o Guilherme, chama o Vanio, chama o Dinho,  
E o Di, Marquinho chama o Éder vamo aí,  
Se os outros manos vêm, pela ordem tudo bem!  
Melhor, quem é quem, no bilhar no dominó. "  
Rolou dois manos,  
um acenou pra mim,  
de "jaco" de cetim  
de tenis calça jeans.  
"Hey Brown, sai fora, nem vai, nem "cola"!  
Não vale a pena "dar idéia" nesse tipo aí.  
Ontem a noite eu vi, na beira do asfalto  
tragando a morte, soprando a vida pro alto!  
Ó os caras só pó pele e osso, no fundo do poço,  
E mais flagrante no bolso!"  
Veja bem, ninguém é mais que ninguém, veja bem,  
veja bem e eles são nossos irmãos também.  
"Mas de cocaína e crack, whisky e conhaque,  
os manos morrem rapidinho sem lugar de destaque!"  
Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem  
fuma  
nem dá...  
Nunca te dei pôrra nenhuma!  
Você fuma o que vem, entope o nariz!

Bebe tudo que vê!  
Faça o diabo feliz!

No fragmento acima deparamos com o conceito que Maingueneau designa incorporação, no qual o coenunciador, com base nos indícios linguísticos fornecidos pelo enunciador, incorpora uma imagem .

A imagem que construímos através da maneira de dizer, se vestir e sobretudo pelo comportamento global é a imagem de um jovem que apesar de aparentar desinteresse e despreocupação com os “manos”, de viver dentro de um contexto que atualmente é muito recorrente, principalmente em regiões periféricas das grandes cidades, onde encontramos diariamente jovens dependentes químicos , drogados apreendemos o ethos de conselheiro, daquele que está alertando outros dentre os seus para os perigos do vício.

Você vai terminar tipo o outro mano lá, que era preto  
tipo A  
Ninguém "entrava numa", mó estilo!  
De calça "Calvin Klein", tênis "Puma"  
É... o jeito humilde de ser, no trampo e no rollé.  
Curtia um funk, jogava uma bola,  
buscava a preta dele no portão da escola.  
Exemplo pra nós, maior moral, "mó" IBOPE!

Nesse fragmento o enunciador apresenta a história de um personagem como um exemplo que não deve ser seguido: de um indivíduo com as mesmas origens que ele, ou seja, morador da mesma periferia que era um “preto tipo A” que usava roupas e tênis de marcas conhecidas e valorizadas não só para os da periferia, mostrando dessa forma sua ascensão social e material. Tinha uma vida correta no trabalho e no lazer, e cuidava de sua namorada, que como ele “é negra e vai à escola”. O ethos que emerge dessa cenografia é o ethos do

“preto tipo A”, do correto, do lutador, do morador da periferia que é tão responsável que cuida da namorada, que a leva à escola e que se diferencia dos outros, haja vista, o uso de roupas e tênis de marca.

Mas começou "colar" com os branquinhos no shopping,  
"Ai já era"...  
Ih! Mano, outra vida, outra pique!  
E só mina de elite, balada e vários drinks!  
Putá de Botique, toda aquela pôrra!  
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra!  
Hã... faz uns nove anos...  
Tem uns 15 dias atrás eu vi o mano...  
Cê tem que ver, pedindo cigarro pro "tiozinho" no ponto  
Dente todo "zoado", bolso sem nem um conto!  
O cara cheira mal, cê ia sentir medo!  
Muito louco de sei lá o quê, logo cedo!  
Agora não oferece mais perigo:  
viciado, doente e fudido, inofensivo!

Porém, o “preto tipo A” começa a se degradar quando se deixa seduzir pela vida dos “branquinhos do shopping”, que possuem outro estilo de vida, outro status, uma vida de luxúria, de consumismo. De “preto tipo A” passa a ser “apenas um neguinho”. O *ethos* de rapaz bonito, correto, bem vestido, do forte se transforma no *ethos* de fraco, de alguém que inspira repulsa até mesmo entre os seus.

Em outro trecho do rap, o enunciador através de seu modo de dizer, continua produzindo um efeito de sentido que nos faz apreender a violência que não é característica apenas da periferia, mas também de bairros nobres das capitais.

Foda é assistir a propaganda e ver,  
não dá pra ter aquilo pra você,  
playboy "forgado" de brinco com trouxa,  
Roubado dentro do carro na Avenida Rebouças!  
Correntinha das moças,  
Madame de bolsa é dinheiro.  
Não tive pai, não sou herdeiro.  
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal, por  
menos de um real,  
minha chance era pouca,  
Mas se eu fosse aquele moleque de touca,  
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca,  
"de quebrada".  
Sem roupa, você e sua mina,  
Um, dois! Nem me viu! Já sumi na neblina!  
Mas não...  
Permaneço vivo, luzindo a mística!  
27 anos, contrariando a estatística!  
O seu comercial de TV não me engana,  
Hã! Eu não preciso de status nem fama.  
Seu carro e sua grana já não me seduz, e nem a sua  
puta de olhos azuis!

No fragmento acima o enunciador faz referência à influência da televisão e ao poder de persuasão da mídia, que mostra em sua programação um mundo longe da realidade da maioria das pessoas, principalmente de moradores de periferias. Faz menção à Avenida Rebouças, movimentada avenida da região central de São Paulo, próxima ao centro financeiro da capital. Local freqüentado por pessoas com alto poder aquisitivo e que frequentemente são alvos de assaltantes, de "trombadinhas". O enunciador diz que suas chances de sucesso na vida seriam poucas, se fosse trabalhador de rua, que vende balas no farol. Por outro lado se fosse bandido, assaltante suas chances de ser bem sucedido seriam maiores, contudo não se deixa enganar, se iludir com o poder e contrariando a estatística de ser mais um "preto tipo A",

ou ser mais um daquele jovem negro que morre violentamente a cada 4 horas, ou dos 3 negros a cada 4 pessoas mortas pela polícia, ele se mantém íntegro.

O ethos que emerge nesse contexto, é o ethos da autovalorização do jovem que tem orgulho de não se deixar seduzir pelas armadilhas com as quais convive diariamente, daquele que mesmo sem status, nem fama possui seu valor.

Ou da família real de negro como eu sou,  
um príncipe guerreiro que defende o gol!  
E eu não mudo, mas eu não me iludo:  
os mano "cu de burro", eu tenho eu sei de tudo!

O ethos de forte, de orgulhoso de ser o que e quem é do enunciador mostrado nesse fragmento confunde-se com o ethos de Mano Brown, pois ressalta um fator muito valorizado no grupo e coincide com o pensamento de grande parte da população das periferias que histórica e socialmente comprovada é formada em sua maioria por negros. Ao dizer que é da “família real de negro”, que é “um príncipe guerreiro”, exalta a “negritude”(orgulho de ser negro) que é muito defendida e valorizada pelos rappers em geral, assim como pela comunidade em que vivem.

### **2.1.3 – A interdiscursividade**

Partindo do pressuposto de que os textos sempre recorrem a outros textos anteriores e os transformam; e que qualquer tipo de prática discursiva é construída de combinações de outras práticas discursivas, apreendemos que o enunciador se ancora em vários outros textos para compor seu discurso.

A partir do título, “*Capítulo 4, Versículo 3*” já notamos a presença do interdiscurso bíblico, pois é dessa forma que os livros da Bíblia se encontram divididos: em Capítulos e Versículos. Essa divisão está instalada na memória

de todos aqueles, que independente de religião, conhecem a Bíblia. Sendo assim, o título se constitui em uma cenografia que nos remete aos textos bíblicos. Esse processo é o que Maingueneau chama de cenas validas, que são cenas de fala, já instaladas na memória coletiva.

Talvez eu seja um sádico ou um anjo  
Um mágico ou juiz, ou réu  
Um bandido do céu!  
Malandro ou otário, padre sanguinário!  
Franco atirador se for necessário!  
Revolucionário ou insano. Ou marginal!  
Antigo e moderno, imortal!  
Fronteira do céu com o inferno!  
Astral imprevisível, como um ataque cardíaco do verso!

Violentemente pacífico!  
Verídico!

Vim pra sabotar seu raciocínio!  
Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo!  
Pra mim ainda é pouco, dá cachorro louco!

No fragmento acima o enunciador faz menção ao discurso do bem contra o mal. Essa dualidade entre o “bem” e o “mal”, nos remete a um discurso de dimensão religiosa que é inerente a natureza humana independente de seitas ou crenças religiosas; a imagem enunciativa do anjo contra o bandido, no qual o bem sempre triunfa, mas que na realidade das comunidades em que os alunos vivem, nem sempre: há vítimas inocentes.

A primeira faz "bum!", a segunda faz "tá!"

Encontramos nesse verso a presença de onomatopéia imitativa do som emitido pelas armas de fogo, assim como a presença do interdiscurso de uma marca de barbeador descartável com duas lâminas, do qual o comercial

televisivo mostrava um usuário dizendo “a primeira faz “tchan” e a segunda faz “tchun”. Onomatopéia do corte das lâminas.

Número um... um dia terrorista da periferia!  
Uni-duni-te, eu tenho pra você,  
um rap venenoso ou uma rajada de PT!  
E a profecia se fez como previsto:  
Um nove nove sete, depois de Cristo.  
A fúria negra ressuscita outra vez:  
RACIONAIS, Capítulo 4 Versículo 3.

Encontramos nesse trecho o interdiscurso com o mundo lúdico da brincadeira infantil (*Uni-duni-te...*). O efeito de sentido causado é a tentativa do enunciador em interpelar a criança, que há dentro de cada um, para que não cresça no crime, que não se junte à criminalidade porque o futuro ou será breve ou ruim (morte ou cadeia).

Além do interdiscurso lúdico, há nesse fragmento o interdiscurso bíblico, os versos : [...] *A fúria negra ressuscita outra vez*, nos remete ao livro bíblico Neemias 2:9 – 3:32 onde encontramos o seguinte trecho: *E estava com ele Tobias, o amonita e disse: ainda que edifiquem, vindo uma raposa, derrubará facilmente o seu muro de pedra.*

Ao usar esse interdiscurso o enunciador, causa um efeito de sentido afirmativo de suas intenções que é de autovalorizar seu espaço, seu lugar e denunciar as injustiças sociais que os moradores da periferia sofrem. Ainda que as injustiças aconteçam, os Racionais , com suas palavras as derrubarão.

Um dia um PM negro veio embaçar,  
E disse pra eu me por no seu lugar.  
Eu vejo mano nessas condições não dá...  
Será assim que eu deveria estar?  
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor!

Pelo rádio, jornal, revista e outdoor,  
te oferece dinheiro, conversa com calma.  
Contamina seu caráter, rouba sua alma.  
Depois te joga na merda sozinho!  
É... transforma um "preto tipo A" num "neguinho"!  
Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma  
Louvado seja o meu Senhor!  
Que não deixe o mano aqui desandar,  
Ah! e nem "sentar o dedo" em nenhum pilantra!  
Mas que nenhum filha da puta ignore minha lei:  
RACIONAIS Capítulo 4 Versículo 3!

Interdiscurso bíblico que prega o demônio como autor e responsável pelas coisas ruins que acontecem no mundo e com as pessoas, mesclado com o item lexical “foder” , muito comum entre nossos alunos adolescentes, que tem duas conotações: a primeira, sexual; a segunda, aplicável a esta letra, que refere alguém ou algo que obteve resultado contrário ao que pretendia inicialmente, que levou prejuízo, ou que “se deu mal”. O item lexical “palavra” também designa a mensagem do Senhor contida nos versos bíblicos, aos que os protestantes costumam referir como “veio na palavra” a mensagem de Deus.

Eu sou apenas um rapaz latino americano  
apoiado por mais de 50 mil manos!  
Efeito colateral que seu sistema fez,  
Racionais, capítulo 4 versículo 3!

No trecho acima encontramos o interdiscurso com uma conhecida canção da MPB (Música Popular Brasileira), *Apenas um rapaz latino-americano* de autoria de Belchior. Escrita e lançada em 1976 (época de ditadura militar), *Apenas um rapaz latino-americano* é uma canção de protesto que caracteriza, de maneira irônica, o pensamento da população em geral, que viveu e lutou contra os desmandos daquele período. Uns com armas,

outros como “Primo Preto” ; com as palavras . Assim como Belchior foi apoiado em seus dizeres, o enunciador do texto em análise relata que ele também é apoiado por muita gente, pois apesar de viver em um contexto violento, em que não se pode confiar nem na polícia, ele é o efeito colateral e contraria todas as estatísticas citadas na primeira estrofe da letra.

### 3 – Análise comparativa

Nesta etapa será feita a análise da música – *Vida Loka- parte 2* – do mesmo grupo, para estabelecerem-se as comparações com o texto anteriormente analisado. As categorias a serem comparadas no discurso serão a imagem que o grupo pretende mostrar de si, ou seja, do ethos discursivo, por meio da constituição da cenografia enunciativa e a interdiscursividade.

*Vida Loka - Parte 2*

#### Racionais Mc's

Deixa eu falá p'ocê,  
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão,  
Logo mais vamo arrebentar no mundão,  
De cordão de elite, 18 quilate,  
Poê no pulso, logo brait,

Que tal, tá bom,

De lupa, mochilon, bombeta branca e vinho,  
Champanhe para o ar, que é pra abri nosso  
caminhos,  
Pobre é o Diabo, eu odeio a ostentação,  
Pode rir, ri, mais não desacredita não,

É só questão de tempo, o fim do sofrimento,  
Um brinde pros guerreiro, Zé povinho eu lamento,

Vermes que só faz peso na Terra,

Tira o zóio,  
Tira o zóio, vê se me erra,

Eu durmo pronto pra guerra,  
E eu não era assim, eu tenho ódio,  
E sei que é mau pra mim,  
Fazer o que se é assim,  
VIDA LOKA, CABULOSA,  
O cheiro é de Pólvora,  
E eu prefiro rosas,

E eu que...E eu que...

Sempre quis um lugar,  
Gramado e limpo, assim verde como o mar,  
Cercas brancas, uma seringueira com balança,  
Disbicando pipa, cercado de criança...

How...How Brow

Acorda sangue bom,  
Aqui é Capão Redondo, Tru,  
Não Pokemon,  
Zona Sul é invés, é stress concentrado,  
Um coração ferido por metro quadrado...

Quanto mais tempo eu vou resistí?  
Pior que eu ja vi meu lado bom na U.T.I,  
Meu anjo do perdão foi bom,  
Mais ta fraco,  
Culpa dos imundo do espirito opaco,

Eu queria ter, pra testa e vê,  
Um malote, de Gloria, Fama,  
Embrulhado em pacote,  
Se é isso que seis qué,  
Vem pega,

Jogar num rio de merda e vê varios pulá,  
Dinheiro é Foda,  
Na mão de favelado, é mó guela,  
Na crise, varios pedra 90, esfarela,

Eu vou joga pra ganhá,

O meu money, vai e vem,  
Porém quem tem, tem,  
Não cresço o zóio em ninguém,  
O que tiver que ser,  
Será meu,  
Tá escrito nas estrela,  
vai reclama com Deus,

Imagina nós de Audi,  
Ou de Citroën,  
Indo aqui, indo ali,  
Só Pam,  
De vai e vem,  
No Capão, no Apurá, vo colá,  
Na Pedreira do São Bento,  
No Fundão, no pião,  
Sexta-Feira,

De teto Solar,  
O luar representa,  
Ouvindo Cassiano, haaa  
Os gambé não guenta,  
É mais se não dé,

Nego,  
O que é que tem,  
O importante é nós aqui,  
Junto ano que vem,  
E o caminho,  
Da felicidade ainda existi,  
É uma trilha estreita,  
É em meia a selva triste,

Quanto cê paga,  
Pra vê sua mãe agora?  
E nunca maise ve seu Pivete,  
Embora,  
Da a casa, da o carro,  
Uma Glock, e uma Fhal,  
Sobe cego e de joelho,  
Mil e cem degrau,

Quente é Mil Grau,  
O que o guerreiro diz,  
O promotor é só um homem,

Deus é o juiz,

Enquanto Zé Povinho,  
Apedrejava a Cruz,  
Um canalha fardado,  
Guspiu em Jesus,

Óh ...

Aos 45 do segundo arrependido,  
Salvo e perdoado,  
É DIMAS o bandido,

É loko o bagulho,  
Arrepia na hora,  
Ó

DIMAS, primeiro VIDA LOKA da historia,

Eu digo,

Gloria...Gloria...  
Sei que Deus tá aqui,

E só quem é,  
Só quem é vai sentir,

E meus guerreiro de fé,  
Quero ourvi....Quero ouvi...

E meus guerreiro de fé,  
Quero ouvi irmão...

Programado pra morre nós é,  
É certo...é certo...é crer no que der...

Firmeza

Não é questão de luxo,  
Não é questão de cor,  
É questão d fartura,  
Alega o sofredor,

Não é questão de Presa,  
Nem cor,  
A idéia é essa,

Miséria traz tristeza, e vice-versa,  
Inconscientemente,  
Vem na minha mente inteira,

Uma loja de tênis,  
O olhar do parceiro,  
Feliz de poder comprar,  
O azul, o vermelho,  
O balcão, o espelho,  
O estoque, a modelo,

Não importa,  
Dinheiro é puta,  
E abre as porta,  
Dos castelo de areia que quizer,

Preto e dinheiro,  
São palavras rivais,  
hééé!!!  
Então mostra pra esses Cu,  
Como é que faz,

O seu enterro foi dramático,  
Como o blues antigo,  
Mais de estilo,  
Me perdoe, de bandido,

Tempo pra pensá,  
Qué pará,  
Que cê qué,  
Viver pouco como um Rei,  
Ou então muito, como um Zé,

As vezes eu acho,  
Que todo preto como eu,  
Só qué um terreno no mato,  
Só seu,

Sem luxo, descalço, nadar num riacho,  
Sem fome,  
Pegando as fruta no cacho,

Ae truta, é o que eu acho,  
Quero também,  
Mais em São Paulo,  
Deus é uma nota de 100,

VIDALOKA.

PORQUE O GUERREIRO DE FÉ NUNCA GELA,  
NÃO AGRADA O INJUSTO, E NÃO AMARELA,  
O REI DOS REI, FOI TRAI DO, E SANGRÔ NESSA  
TERRA,  
MAIS MORRER COMO UM HOMEM É O PREMIO  
DA GUERRA,  
MAIS Ó,  
CONFORME FOR, SE PRECISÁ, AFOGA NO  
PROPRIO SANGUE SERÁ,  
NOSSO ESPIRITO É MORTAL, SANGUE DO MEU  
SANGUE,  
ENTRE O CORTE DA ESPADA E O PERFUME DA  
ROSA,  
SEM MENSÃO HONROSA, SEM MASSAGEM.

A VIDA É LOKA NEGÓ,  
E NELA EU TO DE PASSAGEM,

A DIMAS, O PRIMEIRO,  
SAUDE GUERREIRO!

### **3.1 – A cenografia da enunciação.**

Comparando-se o modo de dizer do enunciador no texto analisado anteriormente com a letra do rap *Vida Loka -parte 2* verifica-se que o uso de gírias e de algumas expressões populares são recorrentes em ambos discursos do grupo musical em questão.

Deixa eu falá p'ocê / vamo arrebentar no mundo  
/ tá bom / um brinde pros guerreiro / tira o zóio /  
vê se me erra / Vida Loka / how...how Brow /  
Aqui é Capão Redondo Tru / se é isso que seis  
qué / é mó guela / nós de Audi / vo colá / os

gambé não guenta / quanto cê paga / vê seu  
pivete / mil grau /Zé povinho / é loko o bagulho  
/arrepia na hora / firmeza / tempo pra pensá /  
qué Pará / que cê qué / Ae truta.

Sendo o Racionais MC's, um grupo pertencente à periferia da zona sul de São Paulo, seu discurso reflete o modo de dizer dos moradores do mesmo local, ou seja do bairro periférico de São Paulo.

O rap *Vida Loka- parte 2* é um relato repleto de símbolos que refletem o cenário apropriado para a formação da identidade do enunciador. A partir do título, que pode ter dupla interpretação: *vida loka* um bandido, ou *vida loka*, o próprio ser humano morador da periferia, ou não, que luta pela sua sobrevivência. Em síntese *Vida Loka* tem um significado que descreve o modo de ser, de se posicionar diante da sociedade e deixou de ser um termo restrito das periferias. É comum nos dias atuais depararmos com jovens que se autodenominam *Vida Loka*, independente de serem participantes ou não do movimento hip-hop.

O enunciador inicia seu relato demonstrando uma autovalorização no momento em que cita o uso de jóias e artigos de marca como um relógio Brait, produto de luxo na visão dos jovens rappers da periferia e simbolizam status, poder.

Deixa eu falá p'ocê,  
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão,  
Logo mais vamo arrebentar no mundão,  
De cordão de elite, 18 quilate,  
Poê no pulso, logo brait,  
[...]

Imagina nós de Audi,  
Ou de Citroën,  
Indo aqui, indo ali,  
Só Pam,

De vai e vem,

Que tal, tá bom,

De lupa, mochilon, bombeta branca e vinho,  
Champanhe para o ar, que é pra abri nosso caminhos,  
Pobre é o Diabo, eu odeio a ostentação,  
Pode rir, ri, mais não desacredita não,

A cena reproduzida no enunciado acima, é o retrato do jovem pobre da periferia, que acredita em uma vida bem sucedida por meio de uma mudança em sua condição social. Com o uso do advérbio *logo*, que indica passagem de tempo, o enunciador e um coenunciador que ele designa de “irmão”, termo muito usado no discurso dos rappers, irão aparecer para o “mundão”; subentende-se mundão como contexto fora da realidade a que pertencem, ou seja, fora da periferia. E mesmo odiando a ostentação, o uso de “um cordão, 18 quilates” significa status, a entrada para a nata da sociedade, o fim da exclusão.

Eu durmo pronto pra guerra,  
E eu não era assim, eu tenho ódio,  
E sei que é mau pra mim,  
Fazer o que se é assim,  
VIDA LOKA, CABULOSA,  
O cheiro é de Pólvora,  
E eu prefiro rosas,

Na cena descrita temos a constatação da realidade do enunciador e de muitos que fazem parte desse contexto, a dualidade do bem versus o mal, por um lado dormir *pronto pra guerra* significa correr o risco de uma vida bandida, contrapondo a consciência de que isso não é bom. O que é reafirmado com o uso de uma figura de linguagem: a sinestesia, na qual o

cheiro da pólvora representa a violência em contraste com o perfume de rosas que representa a idealização de um paraíso.

No decorrer de seu relato, o enunciador continua encenando o contraste entre o ter e o ser, como mostra o fragmento abaixo:

Firmeza

Não é questão de luxo,  
Não é questão de cor,  
É questão de fartura, alega o sofredor,

Não é questão de Presa,  
Nem cor, A idéia é essa,  
Miséria traz tristeza, e vice-versa,  
Inconscientemente,  
Vem na minha mente inteira,

Uma loja de tênis,  
O olhar do parceiro,  
Feliz de poder comprar,  
O azul, o vermelho,  
O balcão, o espelho,  
O estoque, a modelo,

O enunciador afirma que para ser correto, firme e bem sucedido não é necessário ser consumista, como os moradores da periferia alegam, mas é necessário que se tenha de dignidade, auto-estima.

Não importa,  
Dinheiro é puta,  
E abre as porta,  
Dos castelo de areia que quizer,

Preto e dinheiro,  
São palavras rivais,  
hééé!!!  
Então mostra pra esses Cu,  
Como é que faz,  
[...]

Ae truta, é o que eu acho,  
Quero também,  
Mais em São Paulo,  
Deus é uma nota de 100,  
VIDALOKA.

Entretanto em uma sociedade consumista, tem valor quem tem dinheiro, quem pode entrar em uma loja para comprar o que e o quanto quer. Essa realidade está distante do contexto das periferias - *“preto e dinheiro, são palavras rivais”*, uma vez que na sua grande maioria os moradores dessas localidades são formados por negros. Principalmente em São Paulo, a capital mais rica do país, porém com muitos contrastes econômicos e sociais.

Nego,  
O que é que tem,  
O importante é nós aqui,  
Junto ano que vem,  
E o caminho,  
Da felicidade ainda existi,  
É uma trilha estreita,  
É em meia a selva triste,

Quanto cê paga,  
Pra vê sua mãe agora?  
E nunca mais ve seu Pivete,  
Embora,

Da a casa, da o carro,  
Uma Glock, e uma Fhal,  
Sobe cego e de joelho,  
Mil e cem degrau,

O enunciador inicia seu dizer com o vocábulo “Nego” que além de ter a função de vocativo, representa uma aproximação, uma intimidade familiar, ao fazer uso deste léxico destaca também a importância de comungarem das mesmas ideias, que apesar dos percalços existentes, ainda é possível ser feliz na periferia. A cena retrata a valorização da instituição família, sobretudo quando o enunciador interpela seu coenunciador afirmando, que para ter a família unida, ou daria tudo de valor, ou usaria armas ,também pagaria promessa subindo de joelho, mil e cem degraus para que isso acontecesse.

### **3.2 – O *ethos* discursivo**

Dando continuidade à análise da imagem de si que o enunciador pretende mostrar observa-se, em seu modo de pensar e agir a dualidade entre o ser “mano firmeza” e o Vida loka, que simboliza o embate entre o bem e o mal.

E eu que...E eu que...  
Sempre quis um lugar,  
Gramado e limpo, assim verde como o mar,  
Cercas brancas, uma seringueira com balança,  
Disbicando pipa, cercado de criança...

Neste fragmento o enunciador se mostra uma pessoa que tem sonhos, desejos de uma vida diferente da que possui no contexto onde vive, pois sabe-se que a vida na periferia é o oposto da imagem bucólica que enuncia. O ethos que emerge dessa cenografia, é o ethos da utopia, do morador da periferia que sonha com um mundo, que considerando seu contexto social, é inatingível.

É só questão de tempo, o fim do sofrimento,  
Um brinde pros guerreiro, Zé povinho eu lamento,  
Vermes que só faz peso na Terra,

Tira o zóio,  
Tira o zóio, vê se me erra,  
[...]O meu money, vai e vem,  
Porém quem tem, tem,  
Não cresço o zóio em ninguém,

O contraste entre o bem e o mal está presente neste fragmento, pois o enunciador saúda os guerreiros que representa o forte, o lutador, e critica o Zé povinho, aquele que não tem nenhum valor na comunidade, o mal. Essa ambiguidade ocorre também quando o enunciador ao mesmo tempo em que mostra o ethos de confiança em dias melhores, se mostra também supersticioso ao recear a inveja. Essa ambiguidade é recorrente em outros trechos do rap, como mostra os fragmentos abaixo:

Eu durmo pronto pra guerra,  
E eu não era assim, eu tenho ódio,  
E sei que é mau pra mim,  
[...]Quanto mais tempo eu vou resistí?  
Pior que eu já vi meu lado bom na U.T.I,

O ethos que emerge nesse fragmento é do revoltado, pois através de seus dizeres entende-se que ele percebe que está se deixando sucumbir pelo o que há de ruim, o léxico *ódio* denota sua posição contrária à imagem que vê e mostra de si. Surge então o questionamento: quanto tempo mais ele vai resistir e manter o ethos do guerreiro?

E meus guerreiro de fé,  
Quero ourvi....Quero ouvi...  
E meus guerreiro de fé,  
Quero ouvi irmão...  
Programado pra morre nós é,  
É certo...é certo...é crer no que der...  
[...]  
A VIDA É LOKA NEGÓ,  
E NELA EU TO DE PASSAGEM

O ethos que é mostrado neste fragmento, é o ethos do destemido, daquele que sabe que a morte é o destino de todos, já nascemos pré-destinados a um dia morrer, por isso não a teme e afirma que na vida estamos de passagem.

### 3.3 – A interdiscursividade

Assim como nas letras anteriormente analisadas, observamos em vários trechos desse rap, que o discurso presente se constitui de outros discursos.

De lupa, mochilon, bombeta branca e vinho,  
Champanhe para o ar, que é pra abri nosso caminhos,  
Pobre é o Diabo, eu odeio a ostentação,  
Pode rir, ri, mais não desacredita não,

[...]

Meu anjo do perdão foi bom,  
Mais ta fraco,  
Culpa dos imundo do espírito opaco,

Os versos *Champanhe para o ar, que é pra abri nosso caminho e culpa dos imundo do espírito fraco*, nos remete a um discurso que reafirma o sincretismo religioso do grupo e de muitos da periferia, pois refere-se às religiões afro-brasileira como o Candomblé, que possui esse ritual de oferecer champanhe e outras oferendas as entidades espirituais para que protejam suas vidas.

O que tiver que ser,  
Será meu,  
Tá escrito nas estrela,  
vai reclama com Deus,

[...] No Capão, no Apurá, vo colá,  
Na Pedreira do São Bento,  
No Fundão, no pião,  
Sexta-Feira,  
De teto Solar,  
O luar representa,  
Ouvindo Cassiano, haaa  
Os gambé não guenta,  
É mais se não dé,

No fragmento acima, o verso *Tá escrito nas estrela* faz referencia a música *Escrito nas estrelas* vencedora do Festival de Música Popular Brasileira gravada em 1985 por Tetê Espíndola, em que faz uma declaração de amor a seu amado dizendo que o amor deles estava escrito nas estrelas. O enunciador diz que o quê tiver de acontecer em sua vida, já está pré-determinado. Já no verso: *Ouvindo Cassiano, haaa os gambé não guenta*, faz menção a Cassiano cantor de sucesso na década de 1970, um dos

precursores da Soul Music no Brasil. Muitas de suas canções servem de base musical de alguns raps do Racionais MC's.

O verso: *O luar representa*, nos remete a uma canção de Cassiano: *A lua e eu*, música romântica em que um enunciador fala da saudade da amada tendo a lua como companheira em sua solidão. A seguir o enunciador interagindo com seu coenunciador "Nego", de uma forma utópica, idealizam que de posse de um Audi, ou Citroen com teto solar, teriam liberdade de ir e vir, para qualquer bairro periférico sem serem reprimidos por policiais. Esta situação é totalmente oposta a realidade em que vivem, pois é do conhecimento de todos, alguns abusos cometidos por policiais no cumprimento de sua função, as maiores vítimas são moradores de bairros da periferia e negros.

Enquanto Zé Povinho,  
Apedrejava a Cruz,  
Um canalha fardado,  
Guspiu em Jesus,  
Óh ...  
Aos 45 do segundo arrependido,  
Salvo e perdoado,  
É DIMAS o bandido,  
[...]  
DIMAS, primeiro VIDA LOKA da historia,  
[...]  
Eu digo, Gloria...Gloria...  
Sei que Deus tá aqui,  
E só quem é, só quem é vai sentir,

O fragmento acima nos remete ao discurso religioso, pois faz menção a um personagem bíblico *Dimas*. De acordo com a tradição do cristianismo,

Dimas foi crucificado com Jesus por ser um conhecido ladrão, porém pouco antes de sua morte na cruz arrependeu-se e foi perdoado. O enunciador afirma que apesar de toda dificuldade, de todo caminho errado, Deus está presente e só quem é Vida Loka, só quem se arrepender vai sentir sua presença.

How...How Brow

Acorda sangue bom,  
Aqui é Capão Redondo, Tru,  
Não Pokemon,  
Zona Sul é invés, é stress concentrado,  
Um coração ferido por metro quadrado...

Este fragmento nos apresenta outro interdiscurso. O uso de uma onomatopéia – *How...How* – nos remete a figura natalina do Papai Noel e logo a seguir se refere a outro personagem do universo infantil - *Pokemon* – desenho animado que se transformou em jogos e outros produtos, de marca japonesa mundialmente conhecida e desejada por crianças e jovens, independente de serem de periferia ou não. No intuito de trazer o enunciador para a dura realidade em que vivem, o coenunciador demarca o espaço, Zona Sul, e deixa claro que nessa região não é possível se abstrair da realidade, pois a cada metro quadrado há uma situação de sofrimento

#### **4 – Análise comprobatória**

Nesta etapa será analisada a música “ Fim de semana no parque”, também de autoria do Racionais MC’s, para que se possa estabelecer a comprovação das características enunciativas observadas nas análises anteriores, ou seja, a cenografia, o ethos discursivo e a interdiscursividade presentes nesse rap e nos anteriormente analisados.

*Fim De Semana No Parque*

Racionais Mc's

" A TODA COMUNIDADE POBRE DA ZONA SUL "

Chegou fim de semana todos querem diversão  
Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro  
São Paulo Zona Sul  
Todo mundo a vontade calor céu azul  
Eu quero aproveitar o sol  
Encontrar os camaradas prum basquetebol  
Não pega nada  
Estou à 1 hora da minha quebrada  
Logo mais, quero ver todos em paz  
Um dois três carros na calçada  
Feliz e agitada toda "prayboyzada"  
As garagens abertas eles lavam os carros  
Disperdiçam a água, eles fazem a festa  
Vários estilos vagabundas, motocicletas  
Coroa rico boca aberta, isca predileta  
De verde fluorescente queimada sorridente  
A mesma vaca loura circulando como sempre  
Roda a banca dos playboys do Guarujá  
Muitos manos se esquecem na minha não cresce  
Sou assim e estou legal, até me leve a mal  
Malicioso e realista sou eu Mano Brown  
Me de 4 bons motivos pra não ser  
Olha meu povo nas favelas e vai perceber  
Daqui eu vejo uma caranga do ano  
Toda equipada e o tiozinho guiando  
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque  
Eufóricos brinquedos eletrônicos  
Automaticamente eu imagino  
A molecada lá da área como é que tá  
Provalvemente correndo pra lá e pra cá  
Jogando bola descalços nas ruas de terra  
É, brincam do jeito que dá

Gritando palavrão é o jeito deles  
Eles não tem video-game às vezes nem televisão  
Mas todos eles têm um dom São Cosme São Damião  
A única proteção.  
No último natal papai Noel escondeu um brinquedo  
Prateado, brilhava no meio do mato  
Um menininho de 10 anos achou o presente,  
Era de ferro com 12 balas no pente  
E fim de ano foi melhor pra muita gente  
Eles também gostariam de ter bicicleta  
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta  
Gostam de ir ao parque e se divertir  
E que alguém os ensinasse a dirigir  
Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho  
Fim de semana do Parque Sto. Antônio.

(Refrão):

Vamos passear no Parque  
Deixa o menino brincar  
Fim de Semana no parque  
Vou rezar pra esse domingo não chover

Olha só aquele clube que dahora  
Olha aquela quadra, olha aquele campo  
Olha, Olha quanta gente  
Tem sorveteria cinema piscina quente  
Olha quanto boy, olha quanta mina  
Afoga essa vaca dentro da piscina  
Tem corrida de kart dá pra ver  
É igualzinho o que eu ví ontem na TV  
Olha só aquele clube que da hora,  
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora  
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar  
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar  
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro  
Ele apenas sonha através do muro...  
Milhares de casas amontoadas

Ruas de terra esse é o morro  
A minha área me espera  
Gritaria na feira (vamos chegando!)  
Pode crer eu gosto disso mais calor humano  
Na periferia a alegria é igual  
É quase meio dia a euforia é geral  
É lá que moram meus irmãos meus amigos  
E a maioria por aqui se parece comigo  
E eu também sou bam bam bam e o que manda  
O pessoal desde às 10 da manhã está no samba  
Preste atenção no repique atenção no acorde  
(Como é que é Mano Brown?)  
Pode crer pela ordem  
A número número 1 de baixa renda da cidade  
Comunidade Zona Sul é dignidade  
Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro  
Polícia a morte, polícia socorro  
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo  
Pra molecada frequentar nenhum incentivo  
O investimento no lazer é muito escasso  
O centro comunitário é um fracasso  
Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo  
Tem bebida e cocaína sempre por perto  
A cada esquina 100 200 metros  
Nem sempre é bom ser esperto  
Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari  
Pronúncia agradável estrago inevitável  
Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra  
matar M.E.R.D.A.  
Como se fosse ontem ainda me lembro  
7 horas sábado 4 de Dezembro  
Uma bala uma moto com 2 imbecis  
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz  
E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em  
paz  
Vigiando lá de cima  
A molecada do Parque Regina

(Refrão)

Tô cansado dessa porra de toda essa bobagem  
Alcolismo, vingança treta malandragem  
Mãe angustiada filho problemático  
Famílias destruídas fins de semana trágicos  
O sistema quer isso a molecada tem que aprender  
Fim de semana no Parque Ipê

(Refrão)

"Pode crer Racionais Mc's e Negritude Junior juntos  
Vamos investir em nós mesmos mantendo distância  
das drogas e do álcool.  
Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá,  
Parque Araríba, Váz de Lima  
Morro do Piolho e Vale das Virtudes e Pirajussara  
É isso aí mano Brown (é isso aí Netinho paz à  
todos)"

#### **4.1 - A cenografia da enunciação**

Assim como nas letras anteriormente analisadas, em “Fim de semana no parque”, em tom menos agressivo, porém repleto de intenções, observamos o uso de certos léxicos e expressões característicos do modo de dizer do rapper da periferia.

Encontrar os camaradas prum basquetebol / Não  
pega nada / playboyzada / vários estilos  
vagabunas / coroa rico boca aberta / a mesma  
vaca loura / roda a banca dos playboys / muitos  
manos se esqueceram na minha não cresce /  
caranga do ano / a molecada lá da área como é

que tá / olha só aquele clube que da hora / olha  
quanto boy, olha quanta mina / pode crer eu  
gosto disso / e eu também sou bam bam bam e  
o que manda / alcoolismo, vingança treta  
malandragem /

Nesta letra o enunciador Mano Brown, que é explicitamente mostrado, apresenta como cenário a periferia onde vive traçando um paralelo entre um dia de domingo dos “ricos” e dos “pobres”. Encena em um mesmo contexto as gritantes diferenças sociais, o desejo se ser e ter, a inveja , a revolta.

" A TODA COMUNIDADE POBRE DA ZONA SUL "

Chegou fim de semana todos querem diversão  
Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro  
São Paulo Zona Sul  
Todo mundo a vontade calor céu azul  
Eu quero aproveitar o sol  
Encontrar os camaradas prum basquetebol  
Não pega nada  
Estou à 1 hora da minha quebrada  
Logo mais, quero ver todos em paz

Já no início de seu discurso, o enunciador restringe seu dizer: *A toda comunidade pobre da Zona Sul*, o verso tem a função de um vocativo que delimita a região e a condição social. Contudo, apesar de ser designada como comunidade pobre, há uma valorização da região ao mostrar um fim de semana de verão, só alegria , todo mundo a vontade.

Um dois três carros na calçada  
Feliz e agitada toda "prayboyzada"  
As garagens abertas eles lavam os carros  
Disperdiçam a água, eles fazem a festa  
Vários estilos vagabundas, motocicletas  
Coroa rico boca aberta, isca predileta  
De verde fluorescente queimada sorridente  
A mesma vaca louca circulando como sempre  
Roda a banca dos playboys do Guarujá

Neste fragmento o enunciador começa a mostrar as diferenças sociais ao usar *prayboyzada* escrito e enunciado erroneamente, termo que além de atribuir valor de quem tem condição social mais elevada, aponta que os que são bem sucedidos são perdulários e entre eles uma menina ou mulher com uma conduta moral duvidosa.

Olha meu povo nas favelas e vai perceber  
Daqui eu vejo uma caranga do ano  
Toda equipada e o tiozinho guiando  
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque  
Eufóricos brinquedos eletrônicos  
Automaticamente eu imagino  
  
A molecada lá da área como é que tá

Ao usar a expressão – *olha meu povo nas favelas* - o enunciador estabelece aproximação com um coenunciador, reforça sua identidade e posição de um morador da favela. O advérbio *daqui* denota o quanto ele e os seus estão distantes do “mundo dos ricos” representado pelo tiozinho guiando, além da diferença na estrutura familiar, pois enquanto o tiozinho guia a caranga com seus filhos, a molecada de sua área, ou seja as crianças

moradoras na favela provavelmente estão correndo sozinhas pelas ruas, muitas vezes sem ter um pai presente , outras nem tem um pai que se preocupem com elas.

No último natal papai Noel escondeu um brinquedo  
Prateado, brilhava no meio do mato  
Um menininho de 10 anos achou o presente,  
Era de ferro com 12 balas no pente  
E fim de ano foi melhor pra muita gente

Nesse fragmento o enunciador faz menção de um fato que é muito recorrente em áreas periféricas, o descarte de arma de fogo, geralmente em matagais das periferias das grandes cidades . Subentende-se nesse trecho a venda da arma, o que proporcionou algum lucro que permitiu um natal melhor para alguns moradores.

Olha só aquele clube que da hora  
Olha aquela quadra, olha aquele campo  
Olha, Olha quanta gente  
Tem sorveteria cinema piscina quente  
Olha quanto boy, olha quanta mina  
Afoga essa vaca dentro da piscina  
Tem corrida de kart dá pra ver  
É igualzinho o que eu ví ontem na TV  
Olha só aquele clube que da hora,  
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora  
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar  
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar  
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro  
Ele apenas sonha através do muro...  
Milhares de casas amontoadas  
Ruas de terra esse é o morro  
A minha área me espera

[...]

Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro  
Polícia a morte, polícia socorro  
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo  
Pra molecada frequentar nenhum incentivo  
O investimento no lazer é muito escasso  
O centro comunitário é um fracasso

O enunciador faz menção à dura realidade, pois descreve a diferença social latente e a violência que é comum entre os seus: de um lado o lazer de uma classe privilegiada em contraste com a realidade da vida do morro, com baixos investimentos em infraestrutura, lazer e bem estar. Pelo tom que é enunciado na canção denota um sentimento de revolta no enunciador em relação ao que vive, contudo, mesmo se revoltando, ao enunciar – *a minha área me espera* - se auto afirma como um morador que faz parte do morro e que no morro nem tudo é ruim, como mostra no fragmento abaixo.

Gritaria na feira (vamos chegando!)  
Pode crer eu gosto disso mais calor humano  
Na periferia a alegria é igual  
É quase meio dia a euforia é geral  
É lá que moram meus irmãos meus amigos  
E a maioria por aqui se parece comigo  
E eu também sou bam bam bam e o que manda  
O pessoal desde às 10 da manhã está no samba  
Preste atenção no repique atenção no acorde

Na cena acima subentende-se que apesar de todos os problemas que o morro na periferia apresenta, há também o lado bom, a solidariedade entre os moradores da comunidade, a alegria de viver entre os iguais e principalmente uma valorização do local onde vivem.

Como se fosse ontem ainda me lembro  
7 horas sábado 4 de Dezembro  
Uma bala uma moto com 2 imbecis  
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz  
E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em  
paz  
Vigiando lá de cima  
A molecada do Parque Regina  
(Refrão)  
Tô cansado dessa porra de toda essa bobagem  
Alcolismo, vingança treta malandragem  
Mãe angustiada filho problemático  
Famílias destruídas fins de semana trágicos  
O sistema quer isso a molecada tem que aprender

O enunciador, mais uma vez, encena para um coenunciador, que também vive na favela, outro momento de violência que provavelmente presenciou. Em forma de desabafo faz menção a um caso específico – *mataram “nosso mano” que fazia o morro mais feliz* - pela expressão em destaque pode-se entender um líder comunitário, figura muito comum em favelas, ou pelo “dono da boca”, como é conhecido o marginal que muitas vezes para ter apoio da comunidade, faz benfeitorias e ajuda a muitas famílias. É destacado também pelo enunciador os finais de semana trágicos, ou seja, o número de chacinas estatisticamente comprovadas pela mídia, que ocorrem nas periferias.

## 4.2 – O *ethos* discursivo

Diferentemente dos dois textos analisados nos capítulos anteriores, no rap “Fim de semana no parque”, o *ethos* que emerge não é a de um personagem, que vive em um bairro periférico de São Paulo, mas sim de Mano Brown, autor da letra, que sendo também morador da periferia, constrói por meio de recursos linguísticos, ora a imagem de si, ora a imagem da periferia.

Sou assim e estou legal, até me leve a mal  
Malicioso e realista sou eu Mano Brown  
Me de 4 bons motivos pra não ser

Nos versos acima, o *ethos* que nos é mostrado, é o *ethos* de Mano Brown, que associado a imagem que temos em nosso consciente, denota uma pessoa forte, seguro do que é e de seu potencial. No primeiro verso desse fragmento ao fazer um trocadilho – *sou assim e estou legal, até me leve a mal* –, apresenta *ethos* do irreverente.

É, brincam do jeito que dá  
Gritando palavrão é o jeito deles  
Eles não tem video-game às vezes nem televisão  
Mas todos eles têm um dom São Cosme São Damião  
A única proteção.

Neste fragmento o *ethos* que emerge já não é mais de Mano Brown, mas sim das crianças moradoras da periferia, são crianças comuns, que brincam como todas as outras, mesmo não tendo vídeo-game se divertem. Elas podem não ter muitas coisas, mas são protegidas por São Cosme e Damião, santos gêmeos pertencentes a religiões afro-brasileiras e

reconhecidos pela religião católica. São conhecidos como protetores das crianças.

Eles também gostariam de ter bicicleta  
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta  
Gostam de ir ao parque e se divertir  
E que alguém os ensinasse a dirigir  
Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho  
Fim de semana do Parque Sto. Antônio.

No fragmento acima, o verbo – gostariam – no pretérito imperfeito do subjuntivo denota o quanto o querer, o desejar se encontra distante da realidade das crianças do Parque Santo Antonio, periferia da Grande São Paulo. Contudo o verbo querer conjugado no presente, denota que o desejo pela paz faz parte da realidade do enunciador. Ao dizer “mesmo assim é um sonho” o enunciador não acredita que a paz possa reinar . o ethos que emerge dessa cena é a do descrente, do incrédulo.

E eu também sou bam bam bam e o que manda

[...]

(Como é que é Mano Brown?)

Pode crer pela ordem

A número número 1 de baixa renda da cidade

Comunidade Zona Sul é dignidade

O ethos do enunciador tem relação com o ethos da comunidade, no primeiro verso ele afirma seu poder e diz ,que além de outro(s), ele também tem autoridade para mandar, pois é o *bam bam bam*, “o bom”. A seguir após ser evocado por um coenunciador, ele responde dizendo que a Comunidade é muito pobre, pois é a número 1 das comunidades de baixa renda. Contudo, apesar da pobreza a comunidade é digna de ser habitada.

Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo  
Tem bebida e cocaína sempre por perto  
A cada esquina 100 200 metros  
Nem sempre é bom ser esperto  
[...]

O sistema quer isso a molecada tem que aprender  
Fim de semana no Parque Ipê

O ethos mostrado neste fragmento é o ethos do conselheiro, daquele que é experiente e conhece bem o que está falando. O enunciador diz que na Comunidade, como em todos os lugares, inclusive na periferia há o lugar ruim, onde os jovens, que se acham “espertos”, optam pelo caminho do vício encontram as drogas com facilidade. O enunciador afirma que é necessário que os jovens aprendam, que por interesses políticos é desejo dos órgãos governamentais “o sistema”, que a situação dos bairros periféricos não mude.

Pode crer Racionais Mc's e Negritude Junior juntos  
Vamos investir em nós mesmos mantendo distância  
das drogas e do álcool.  
Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. S"ão Luiz, Jd. Ingá,  
Parque Araríba, Váz de Lima  
Morro do Piolho e Vale das Virtudes e Pirajussara  
É isso aí mano Brown (é isso aí Netinho paz à  
todos)"

Neste trecho unindo-se a grupo de pagode Negritude Junior conhecidos por terem sua origem em comunidade e conjunto habitacional da extrema zona sul de São Paulo. Mesma inserção do quadro social descrito no corpus principal, o enunciador convoca os moradores de vários bairros periféricos a unirem-se a eles na luta contra as drogas e o álcool, grandes responsáveis pela violência que ocorrem nas periferias. O ethos, ou seja, a imagem que os enunciadores mostram de si é a imagem do conselheiro, do responsável em chamar os jovens das periferias dos bairros citados a investirem em si próprios, e desta forma valorizar do espaço físico a que pertencem.

### 4.3 – A interdiscursividade

O título “ Fim de semana no parque”, nos remete a outra canção “Domingo no parque” de Gilberto Gil, lançada em 1967, cuja história narrada é a de dois amigos que em um domingo vão se divertir em um parque. Neste parque conhecem uma jovem e se apaixonam, por ciúmes acabam brigando e um deles comete um duplo homicídio. Assim como no título, o refrão também encontramos um interdiscurso.

(Refrão):

Vamos passear no Parque

Deixa o menino brincar

Fim de Semana no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

O interdiscurso encontrado nesse fragmento faz referência a duas canções de Jorge Ben Jor gravada no ano de 1969 : “Dumingaz” e “Frases”. Na primeira o enunciador promete rezar para não chover no domingo e assim poder passear de mãos dadas, no parque, com sua namorada, no refrão é repetido o verso – *Vamos passear no parque!* Em “ Frases” o enunciador diz que o homem vive a seis mil anos fazendo guerra e asneiras, mesmo assim ele é um homem sincero porque nasceu e cresceu livre. No refrão o verso em destaque é – *deixa o menino brincar!* Essa interdiscursividade com as canções de Jorge Ben Jor é justificável, pois Mano Brown declarou em várias entrevistas ser fã desse cantor. As músicas de Jorge Ben Jor estão presentes também em outras composições do grupo

Neste rap encontramos também o contraste do bem contra o mal, o que fica claro no verso a seguir:

Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari

Pronúncia agradável estrago inevitável

Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra

matar M.E.R.D.A.

Este fragmento nos remete ao discurso bíblico, ao fazer uso de vocábulos estrangeiros como Schimth, Taurus, Rossi, que são marcas de armas de fogo, e Dreyer ou Campari, que são marcas de bebidas, o enunciador faz uma analogia das palavras que em Inglês possuem uma pronúncia bonita e muitas vezes são relacionadas ao poder; simbolicamente representam o bem, e o lado mal é representado pelo efeito que armas e bebidas causam entre os jovens da periferia.

#### **4.4 – Resultados das análises**

A partir das análises feitas podem-se estabelecer para o rap dos Racionais MC's as seguintes conclusões:

##### **4.4.1 – A cenografia**

A cenografia criada nas letras de rap analisados nesta pesquisa, nos levam a constatar vários pontos em comum. Sendo o grupo oriundo de um bairro periférico da Grande São Paulo, as cenas descritas constituem-se em sua própria vivência e em situações ocorridas entre os seus. Estas situações estão ligadas a violência, fato que faz parte do cotidiano das periferias em geral. A violência aqui citada pode vir de moradores, que preferem trilhar outros rumos ao caminho sugerido pelos Racionais MC's, outras vezes vem da própria polícia, cujo despreparo, em algumas situações é gritante. A corporação policial que tem o dever de proteger os cidadãos, nas favelas das periferias, ou em regiões mais afastadas dos grandes centros, assume o papel de repressores dessa população, principalmente dos jovens.

Nas letras outro fator recorrente é a intenção do autor em alertar os jovens sobre os perigos de viver erroneamente, no caminho da bebida, por exemplo, e principalmente quanto aos malefícios das drogas.

Apesar de serem acusados por muitos de fazerem apologia ao crime, por meio da análise da cenografia percebe-se que em suas letras há uma intenção implícita de propagar uma vida no caminho do bem, e para isso adotam uma linguagem específica característica do contexto onde vivem. Esse modo de dizer traduz-se no uso de um vocábulo agressivo, muitas vezes escrito e falado de forma errônea de acordo com a língua padrão, contudo causam um efeito de aproximação entre o grupo e os jovens, cujo discurso é direcionado.

Outro fator importante observado nos textos analisados, são as marcantes cenas de contrastes entre classes sociais, onde as pessoas bem sucedidas são tidas como ricas e valorizadas por seus bens; as menos privilegiadas são mostradas como muito pobres, muito humildes, que almejam para periferia em geral uma vida com dignidade.

#### **4.4.2 – O *ethos* discursivo**

Nos textos analisados observamos que o *ethos* de Mano Brown, autor das letras, confunde-se com o *ethos* de um enunciadador, que assim como ele, pertence à periferia. A temática predominante nas letras é a periferia, assim como o orgulho de pertencer àquela comunidade, apesar de todos os problemas existentes e das lutas que travam para amenizar os sofrimentos e as injustiças das quais são vítimas.

Em suas letras contundentes são vários os elementos que indicam, que para ser sujeito desse discurso é necessário ser de tal maneira, ter algumas características. A roupa, os gestos, o enunciar, o proceder corretamente, a forma de se ver como um missionário, um conselheiro são elementos que formam o *ethos* discursivo.

No rap “Capítulo 4, Versículo 3”, por meio de um enunciador, é narrada a história de um personagem “Preto tipo A”; cujo ethos mostrado é do fraco, pois se no início ele era aquele que servia de exemplo, que era o auto-suficiente, no decorrer de sua história narrada, transforma-se em um dependente, um viciado. No mesmo rap surge o ethos de Mano Brown, como guerreiro, que na linguagem dos rappers significa o correto e firme, que se posiciona como um conselheiro, um exemplo para os jovens seus “manos”.

Nos dois outros textos analisados, o ethos que prevalece é o ethos do grupo Racionais MC’s representado na voz de Mano Brown. Em sua pesquisa acerca do grupo de rappers, Motta (2008, p. 104), define com precisão o ethos do referido grupo:

... o ethos dos Racionais é de poder e transformação; para ser assim, é necessário ter bom proceder em sua vida, ser um “guerreiro de fé”, um “preto tipo A”. [...] é impossível colocar os quatro seres empíricos totalmente à parte da análise, uma vez que o que eles fazem em seus cotidianos é noticiado pela imprensa e objeto de exame atento por parte dos enunciatários.

#### **4.4.3 - A interdiscursividade**

O rap dos Racionais MC’s possui uma linguagem específica característica da oralidade da periferia da qual pertencem, sendo assim é um suporte de um ato discursivo reconhecido socialmente . Ao analisarmos o sentido que o enunciador pretende impor, notamos a presença de outros discursos em seus enunciados.

Nas letras de Mano Brown o que mais se destaca é a presença do discurso religioso. Suas longas narrativas são como crônicas da periferia cujo tema principal, além da violência, trazem a fé como marca.

Em seu discurso percebemos um sincretismo religioso que ora pende para as religiões afro-brasileiras, como no rap “Fim de semana no parque”, em que faz referência a Cosme e Damião, entidades reconhecidas no Candomblé, ora para o catolicismo e evangélicas como em “Versículo 4, Capítulo 3”, que no próprio título já traz marcada a interdiscursividade com os livros da Bíblia que se encontram divididos em Capítulos e Versículos.

Independente da doutrina ou ideologia religiosa que citam, nas três letras analisadas, encontra-se muito presente o embate do bem versus o mal. Esse fato é justificável uma vez que esse embate é inerente aos seres humanos, principalmente em seres humanos que se sentem injustiçados e excluídos socialmente.



<sup>1</sup> Mano Brown e a capa do álbum do qual foram extraídas as letras analisadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos o presente trabalho formulamos o problema de pesquisa pela questão: Que imagem discursiva contida na letra do rap do grupo Racionais MC's retoma a realidade vivida pelos alunos dos 2ºs e 3ºs anos do Ensino Médio numa escola da região periférica da Grande São Paulo?

Pela investigação realizada podemos elaborar a resposta nos seguintes parâmetros: os alunos das séries finais do ensino médio de uma escola da região periférica da Grande São Paulo, constituem esse mesmo tipo de discurso por sentirem uma identificação com as circunstâncias apontadas nas letras de *rap* do grupo Racionais MC's, que como moradores da periferia da Zona Sul de São Paulo refletem em seu discurso, suas próprias experiências, dessa forma, são autorizados a dizerem o que dizem. Tais circunstâncias dizem respeito a violência constante que os jovens vivenciam, as vezes dentro de seus próprios lares; muito desses jovens não possuem uma família estruturada, carência na infra estrutura do local onde residem, ausência de um local apropriado para o lazer de crianças e jovens, etc. Essas privações transformam-se em frustrações e o caminho que muitos procuram para saná-las, infelizmente, são as drogas. Toda essa problemática é apresentada nas letras do grupo Racionais MC's, e os jovens se vêem representados na voz do grupo, que denunciam de forma contundente e em uma linguagem próxima da linguagem que é intrínseca ao contexto social a que pertencem.

Contudo, não podemos deixar de ressaltar que as letras de *rap* dos Racionais MC's, não são constituídas apenas de denúncias como as especificadas acima, pelo contrário, em seus dizeres estão implícitos postura e valores morais que servem de alerta e exemplo a esses mesmos jovens que se vêem representados, principalmente por Mano Brown, a voz de liderança do grupo. Com seu modo duro e agressivo de se mostrar, traz em suas letras lições de moral que subjaz o mundo da criminalidade.

Dessa forma o objetivo foi alcançado por demonstrar, que através das relações *interdiscursivas*, que estruturam a unidade de análise, o texto (*rap*) atrelado a *cenografia* (cenas de enunciação), na qual o dizer encena seu próprio modo de dizer associada a certas peculiaridades na enunciação, que remete a uma maneira de ser, (*o ethos* discursivo) produzido nas letras analisadas assemelham-se à realidade vivenciadas pelos alunos das séries finais do Ensino Médio em um bairro periférico da Grande São Paulo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. (org.). *A imagem de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). *Rap e educação Rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

BAKHTIN, Mikhail, *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BECHARA, Evanildo, *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

LEAL, Sergio José de Machado. *Acorda hip-hop: despertando um movimento em transformação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008 a.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 b.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Peres de Souza-e-Silva. São Paulo, Parábola Editorial, 2008c.

\_\_\_\_\_. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Tradução. Marcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. 6ª ed., Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (organizadoras). *Ethos discursivo*. 1ªed., São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2001.

ROCHA, Janaína; DOMENICH Mirella; CASSIANO, Patrícia (organizadoras). *Hip Hop A periferia grita*. 1ª ed., São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

## **DISSERTAÇÕES E TESES**

CASTANHO, Eli Gomes. *A construção de uma imagem do caipira: cenas de enunciação e ethos discursivo em causos de Cornélio Pires*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo, 2009.

RECLA, Adriana. *A constituição do ethos o discurso indígena da Aldeia Pau-Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo, 2009.